

nunca
mais

Lucia Castello Branco



Como se filmes projetados nas muitas telas de que somos feitos, os textos — finas películas, vibrações da letra; afetos, casos, pensamentos, mudanças, retornos: a audácia da “própria” vivência exposta e transmutável vão-se fazendo livro. Livro que, sobre aqueles planos da nossa subjetivação, dispara, desde a frase primeira (para além das promessas, das insistências, das fantasias obsedantes trazidas pela ave literária afirmando sempre o nunca e o mais), a réstia de luz que nos propõe sentar. Que apazigüemos a ansiedade para que possamos, calmos, acolher as histórias e seus tantos ritmos sob a hipnose do cinema literalíssimo das páginas a desfolharem-se. Um livro-filme mas também um livro-flor (pétalas e arranjos, tão forte e quase invisível caule a tudo erguer, aproximando o diverso, conduzindo-nos para a elegância formal das artes do Oriente: beleza delicada, força contida e certa). É intensamente lindo o livro, Lucia! há de ter dito um homem, ancião e menino (estados de um mesmo e vário solo) indagando-se: Quem? Quem a mulher que nutriu este volume? Nele, ei-la a meditar. E a agir. Asas abrem-se em afirmação das crias. Está a escrever (podemos presenciar o ato enquanto lemos): que conheçamos do amor a paz e a fúria, para transpor a nós mesmos sem que as marcas perturbem o corpo. E assim, descosendo o tempo, reconhece e refaz origens, doa seu leite e seu perfume, abençoa o sangue-fêmeo. Faltando tudo no coração das riquezas da vida, que haja vinho. Celebrar. A mulher, a que nos dá a mão aqui, movimenta-se. Diz sim, inclusive à

Não Desperteis o Amor

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
ESTUDOS LITERÁRIOS**

COLEGIADO DO PROGRAMA

REPRESENTANTES DOCENTES TITULARES:

Maria Zilda Ferreira Cury (coordenadora), Jacyntho José Lins Brandão (subcoordenador), Haydée Ribeiro Coelho, Lucia Castello Branco, Lúcia Helena de Azevedo Vilela, Leda Maria Martins

REPRESENTANTE DISCENTE TITULAR:

Magda Liane Famil Garcia

REPRESENTANTES DOCENTES SUPLENTE:

Myriam Corrêa de Araújo Ávila, Sérgio Alves Peixoto, Gláucia

REPRESENTANTE DISCENTE SUPLENTE:

Celina Figueiredo Lage

SECRETÁRIA:

Letícia Magalhães Munaier Teixeira

Lucia Castello Branco

nunca
mais




E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2000

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C345n Castello Branco, Lucia
 Nunca mais / Lucia Castello Branco. – Rio de
 Janeiro: Record, 2000.

ISBN 85-01-05969-2

1. Conto brasileiro. I. Título.

00-1587 CDD – 869.93
 CDU – 869.0(81)-3

Copyright © 2000 by Lucia Castello Branco

Capa: Daisy Turrer

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05969-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



*Para Paulinho Assunção, namor
de raiz e flor.*

"Es el amor. Tendré que ocultarme o huir."

Jorge Luis Borges

"Un récit? Non, pas de récit, plus jamais."

Maurice Blanchot

Sumário

NÃO DESPERTEIS O AMOR 11

Quase-palavra 13

Até que a morte 35

O CORPO, MAIS QUE AS VESTES 47

A descida do leite 49

Soletrando Armhed 59

Coração de touro 67

Duas meninas na colina 71

Homem atravessa a paisagem 77

As quatro distrações 81

Aquela que contempla 87

O FIM DAS COISAS É MELHOR QUE O PRINCÍPIO DELAS 93

Menina 95

Um pai 99

Antes da lua 103

Quase-palavra

"Por todo o tempo olharei para os teus olhos e, se não fores uma mentira, como os demais, poderei reter esse olhar comigo, pela vida afora."

Esta talvez não fosse exatamente a frase que ocupava o pensamento de Sofia, naquele momento. Mas a frase se repetiria, por toda a viagem, como um estranho *puzzle* que ela não conseguiria bem entender. Mais tarde, quando estivesse diante do homem e ele lhe dissesse "então, você veio ver de perto a mentira que sou", Sofia enfim julgaria entender o oráculo, a sentença premonitória, o insólito sentido de tudo aquilo: o ônibus, a viagem, as palavras toscas que não chegariam a tomar forma definitiva em sua boca.

"Estou aqui, finalmente", ela diria, "vim de longe, poeta, para te conhecer."

O ônibus atravessava a paisagem do cerrado com uma ledeza surpreendente. Era noite e uma chuvinha fina caía no vi-

dro que a respiração de Sofia ajudaria a embaçar. "Este ônibus está sem forças", ela mal teria tempo de pensar, e a viatura já estaria parada, no negro da chuva e da noite, no silêncio de trinta e duas pessoas adormecidas e um motorista sonâmbulo, a examinar o motor com ares de quem talvez pudesse realizar ali, diante do olhar incrédulo de Sofia, alguma espécie de magia.

E realizara. Ao ligar novamente o motor, o ônibus decidira-se, inesperadamente, a seguir viagem, agora ainda mais lentamente que antes. "Precisarei mesmo atravessar isso? Talvez tudo não passe de uma estranha dimensão do tempo em que estarei sendo lançada, aos poucos, sem perceber", ela devaneava, com medo de que o movimento da viatura fosse novamente interrompido, atravessado pelo breu da noite. "As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas", o poeta já havia dito uma vez, em um de seus poemas. Sofia lembrava-se, um a um, dos versos do poeta que destilavam o tempo e a memória, e acreditava com isso estar se aproximando de uma espécie irreversível de esquecimento.

Sim, porque a essa altura Sofia já não conseguia se lembrar muito bem dos olhos do marido que deixara atônito, no fim de um corredor comprido, com as mãos abanando como a querer se defender de alguma acusação. Nem mesmo seu nome, que antes costumava vibrar em sua orelha como um ritmo encantatório, Sofia seria capaz de pronunciar corretamente. "Mateus", ela já não diria, sem que o *t* soasse excessivo, invasivo, impostor.

Sofia, não a dos desastres, mas a dos destroços, deixara tudo naquela noite: a casa, o homem, a família. "Tudo para trás deixarei, em busca de um pouco de pedra que me ampare", ela pensava. "Deixo os cafés, o conforto exagerado das poltronas, encontros de cinco às sete, reuniões no fim do dia, jantares comunitários, o sexo fortuito e certo — tudo — por uma palavra que me diga de algo mais que da casualidade dos encontros e do bem-estar das refeições." "Tudo deixarei para deitar-me aos pés de um nobre e velho senhor que me ofereça quem sabe a inquietude e o desamparo, mas sem dúvida o acre sabor de suas palavras de húmus."

"O ninho está febril de epifanias", o poeta lhe dissera, uma vez. E isso bastara para que estranhas fulgurações começassem a acontecer. A primeira, quando ela fritava um ovo: no calor da frigideira, as mãos suavemente mornas pela proximidade do fogo começaram a fazer uns gestos inesperados, incongruentes, como um estranho *ballet*. Depois do gesto, a palavra: absurdos sintagmas começaram a ser articulados por Sofia, sem que ela pudesse contê-los, arrumá-los em forma de frase ou texto, de maneira a apaziguar o marido inquieto que a cercava e Sofia não via, pedia e Sofia não dava. Apenas o verbo se impunha, após o gesto, como uma dança de palavras.

Primeiro julgou tratar-se de uma crise de loucura. Não Sofia, que ela naquele momento sequer pensava, mas o marido. Teve medo, como sempre tinha quando Sofia se transformava as-

sim repentinamente. Mas daquela vez teve um medo especial, porque Sofia parecia querer de fato dizer alguma coisa, para além daquelas palavras toscas. O marido apurou o ouvido: "Quem sabe sou eu que não ouço?" O sussurro incompreensível de Sofia foi então tomando forma. Mas o que ele ouvia não seria mais reconfortante, de maneira alguma acalentador: "Não há ninguém que entenda: todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. A sua garganta é um sepulcro aberto: Com suas línguas tratam enganosamente: peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios."

Aquela altura o marido ainda não sabia. Mas saberia, quando já fosse tarde demais: impossível deter Sofia. Por isso ela agora ia, pela estrada afora ela ia — a caminho de quê? "Perdão, meu amor. Perdão porque o amor acabou. Perdão porque nunca houve o amor à tua maneira. Perdão porque não sinto a tua falta e não sentirei jamais. Perdão porque não caí na tua teia, na tua armadilha de silêncio e não-palavras, no teu carinho de não-gestos de afago. Perdão porque não me desespero, como as outras, porque não te quero incondicionalmente, como as outras, porque minha loucura é de outra espécie, é de outra natureza."

Agora a manhãzinha já chegava, um calor escaldante que ela antecipava em seu corpo quente, febril, trêmulo de abandono ou de espera? Sofia ainda não seria capaz de formular respostas para perguntas tão inacabadas. Haverá algo mais prosaico que uma mulher amassada por uma viagem de vinte

e três horas num ônibus interestadual, uma mulher sem rosto e sem marcas outras que as da viagem, chegando assim, sem solenidade, à porta de um homem, à porta de um poeta, por causa de poucas palavras, alguns versos lançados a esmo no canto de um papel?

"Não posso imaginar que ele esteja lá, numa estação de ônibus, à minha espera. Mas também não posso imaginar que ele não esteja lá. Lá estará ele, então, um senhor, um ancião, e eu não sei o que devo, a princípio, lhe dizer. Depois, sim: depois direi que a minha vida está ruindo, porque um homem de outra natureza atravessou o meu caminho e me fez crer, por algum tempo, que eu poderia me tornar uma mulher de outra natureza. Depois, sim: depois lhe direi que a minha natureza é abissal como a de seus ásperos silêncios. E ele entenderá. Mas antes devo dizer boa tarde, antes devo estender-lhe a mão (ou dar-lhe a outra face?), antes devo sorrir e caminhar sem tropeçar e oferecer presentes e dizer palavras acostumadas, todas acostumadas, não para que possamos nos reconhecer, mas para que possamos não nos assustar assim tão rápido e não fugir, um do outro, antes da hora."

"Uma mulher de quarenta vai ao encontro de um homem de oitenta." Assim Sofia formulava sua sentença, enquanto a viatura atravessava, definitivamente, o limite entre os estados de Minas e São Paulo. "Haverá amor possível?" "Será possível o amor entre um homem de oitenta e uma mulher

de quarenta?" "Será possível o amor entre um homem e uma mulher?" "Provisoriamente não cantaremos o amor", ele diria, talvez.

Não era, afinal, a primeira vez que aquelas questões a torturavam, mas agora elas se colocavam de maneira contundente, cabal. Sim, porque Sofia podia não ter respostas para sua doença do medo, para suas aflições, para seu desamparo. Mas quanto ao amor nunca se enganara: sabia de seus ritmos, de suas pulsações, de sua inquietude. Sofia tinha certeza: amava o homem de oitenta.

E ele estava ali. Afinal, após vinte e três horas de viagem, ele estava ali. Após dez anos de leitura, dez anos de correspondências lacônicas, dez anos de pequenos fragmentos anotados em cantinhos de cadernos, ele estava ali. "É um homem bonito", ela pensava. "É um homem bom, tenho certeza." Mais tarde, quando caminhassem lentamente pelas alamedas, ele com sua bengala de galho de árvore, escolhida a esmo como os restos que costumava recolher em seu pequeno mundo de palavras, ela com um tênis desconfortável que lhe apertaria para sempre o pé, ele enfim lhe diria: "Você tem uma cara linda e uma alma também linda."

"Deixa teu corpo estender-se com outro corpo, porque os corpos se entendem, mas as almas, não." Era assim mesmo o poema? Um dia, ainda quase adolescente, ela teria lido assim, e agora já não podia dizer se esses eram os versos do poeta ou de um de seus heterônimos. Mas mesmo assim estava ali.

Mesmo assim estava ali para um encontro, ela sabia, para um encontro de almas.

Antes que atravessasse a varanda que a introduziria finalmente na casa, ela ainda se surpreenderia. Porque imaginava, é claro, que a casa do poeta fosse exposta ao sol e às trevas, aberta à rua e às pessoas e às coisas. Mas não: era uma casa-casulo, uma casa-caramujo em que ele se encolhia. Sofia sentia-se agora como uma ex-combatente, como uma refugiada de guerra, asilada num mosteiro de muros e janelas altas de onde se via apenas o céu, um feixe mínimo de luz e dois galhos da árvore que crescia do outro lado da rua.

E tudo o que se seguiu foi perfeitamente natural: a esposa, sorridente e matutina, cheirando a lavanda floral; o caseiro, um velho bugre e bêbado, sorrindo com ar de quem detinha algum segredo irrelatável; os quadros, as paredes, os sofás, as escadas, as fotos dos filhos, as fotos dos netos, as fotos dos sobrinhos, a família.

"Então ele tem uma família", ela pensava. "Mas como pode, com família e gado, com fazenda e terras, com filhos e netos, asilar-se assim em um casulo e escrever essas coisas estranhas, essas coisas que ninguém quis ver, ninguém quis recolher?" "Respeito as oralidades", ele diria mais tarde. "Eu escrevo o rumor das palavras."

O rumor da língua. Fora sempre assim, desde pequena. Primeiro o irmão. Mais velho, o irmão inventara, também como uma espécie de casulo, uma língua estranha, feita de grunhi-

dos e pequenos sopros que eles soprariam um pro outro, como uma suave carícia. Depois cresceriam e teriam que abandonar essa ilha em que tinham se exilado. Nunca mais falariam na língua, sequer falariam da língua — era agora uma língua obscena que queimava por dentro: “peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios”.

Depois a amiga: uma amiga enorme e judia, que sabia falar muitas línguas e todas elas estranhas, porque todas contaminadas por um hebraico longínquo de onde exalava um cheiro a páginas antigas, a bicos de pena, a tintas e tinteiros, a oráculos. As duas haviam se encontrado nesse amor à língua e desse amor haviam feito um abrigo, um lugar possível em que os outros não saberiam penetrar. E falavam em estranhos dialetos que só as duas seriam capazes de entender. E riam muito disso, como só as duas seriam capazes de rir. Mas isso agora era passado e distante: a amiga já não morava no mesmo país e as cartas eram lentas e imperfeitas para conter aquele amor que não se dizia por escrito, mas tão-somente através da voz.

E finalmente o marido. O primeiro, não o segundo. O primeiro, hábil com palavras, soubera inventar uma curiosa cantiga para fazer ninar a menina, a filha. A filha que não dormia: só o marido sabia fazê-la adormecer. E Sofia, que não sabia cantar a cantiga, que não sabia articular uma de suas palavras sequer, que não atribuía nenhum significado àquela língua estrangeira, encantara-se, também ela, com o canto

e entrara, como a filha, numa espécie de hipnose. Aquele homem a hipnotizara com palavras de acalanto que apenas ele sabia pronunciar. Mas o marido, o primeiro, fora embora, e ela ficara só com a menina e sem as palavras. E quando era noite, como fazer diante daquela criança inquieta, que sacudia o corpo, batia os pés e pedia palavras que ela não saberia pronunciar?

Por isso, talvez, estivesse ali. Diante não do homem, mas do poeta. Diante não do autor, mas do escriba. Estava ali diante daquele que, quem sabe, saberia escrever aquela voz. E a ele suplicaria, quando então uma certa intimidade já o permitisse: "diga-me".

"Há três coisas que são maravilhosas demais para mim, sim, há quatro que não entendo: o caminho da águia no céu, o caminho da cobra na penha, o caminho do navio no meio do mar, e o caminho do homem com uma donzela." Essas palavras de Agur eram agora as palavras que ocupavam a memória de Sofia, enquanto ela e o poeta caminhavam na alameda. Ele com sua bengala de galho de árvore, ela com seus tênis americanos que descombinavam com a inutilidade de tudo aquilo. Tinha vontade de dizer-lhe: explica pra mim, poeta, o sentido de tudo isso. O caminho da águia no céu, o caminho da cobra na penha, o caminho do navio no meio do mar. Porque as três coisas, afinal, demasiado maravilhosas, resumem-se a quatro. E na última delas reside a incompreensão cabal: como explicar o caminho do homem com uma donzela?

Sofia e o poeta haviam saído, os dois, finalmente os dois, para uma caminhada. Ele com seu cajado, ela com seus pés. "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam", Sofia pensou. E imediatamente uma tristeza fina, penetrante, vinha descendo com o cair da tarde, no crepúsculo tardio daquela cidade sem homens e sem palavras. Sofia lembrava-se do pai. Também um ancião, alguns anos mais jovem que o poeta, o pai costumava caminhar pelas alamedas de sua cidade. E não tinha cajado, o pai. "Ainda é muito cedo para meu pai. Ainda é muito cedo para que ele seja verdadeiramente um ancião e deite seu corpo cansado sobre um cajado que lhe permita caminhar. Ainda é muito cedo para que ele seja exatamente um sábio ou um profeta." Mas, mesmo assim, a imagem do pai e um enorme coração sangüíneo de tanto amor invadiram a tarde, o crepúsculo, a morna aragem, o silêncio que ali se estabelecera, peremptório, entre ela e o poeta.

"De que nos calamos?", Sofia pensava, e um outro corpo compacto, impronunciável, real, se interpunha ali. "Ousarei tocá-lo?" "Ousarei dar-lhe o meu braço para que, em vez do cajado, ele possa segurá-lo?" O amor de Sofia não lhe permitia ir tão longe: o caminho era longo, ela sabia, mas breves e fugidias seriam as palavras que ousariam preenchê-lo.

"De boas palavras transborda o meu coração. Ao Rei consagro o que compus: a minha língua é como a pena de habilido-

so escritor." Essas frases ele não ouviria. Porque todas terminavam por calar-se no canto da boca de Sofia. Até que o poeta, com uma casualidade nunca abrupta, mas sempre inesperada, cortou o silêncio: "Olha: o amor pulou o muro, o amor subiu na árvore." E ela então entenderia: ali começavam os passos da transfiguração. Seria preciso então retornar: à casa, ao chão, ao casulo, ao asilo. Seria preciso sentar em torno da mesa, acolchoado pelos braços da mulher, dos filhos, dos netos. Seria preciso falar de não falar nada por muito tempo, entre goles de cerveja, doses de uísque e adocicados restos de licor, seria preciso embebedar-se nunca demais, sempre suavemente, o suficiente para que tudo começasse a rir em torno de todos e ele pudesse se recolher, recolher-se ainda mais, ir para o quarto, para a cama, para a presença longínqua de si mesmo. E dormir.

O dia seguinte: Sofia amanheceria, ela também, longínqua. Enormes as manhãs feitas de sol claro e da compacta ausência do poeta. Ele ali, trancado, um pouco além da porta de seu quarto, escrevia. "Vovô está na toca?", os netos perguntavam. "O homem está em seu lugar de ser inútil", Sofia pensava, repetindo mentalmente as palavras do poeta. "Que coisas estará ele desenhando no papel?"

Um a um, ela descia os degraus da escadaria da casa. Um a um, os versos do poeta, aqueles que ela um dia decorara sem saber, desciam, a seu lado, as escadas. "O que se desatou num só momento, não cabe no infinito, e é fuga e é vento." Diante da mesa de café, não teve dúvidas: aquilo que ali

pousava, ao lado da xícara, do bule e do pão, era mesmo um livro. Esquecido por ele? Não. Ali deixado: para ela.

O livro se chamava *O seixo*. E falava de um seixo, e descrevia à exaustão um seixo e era o próprio seixo, o livro. "Aqui as coisas são coisas", ela pensaria mais tarde. "Até mesmo as palavras são coisas, aqui." "Haverá algum momento entre nós em que as palavras serão palavras?" "Conseguiremos, os dois, um diante do outro, pronunciar palavras que não sejam coisas, conseguiremos uma vez, uma vez sequer, falar?"

Isso Sofia ainda não pensava, ali diante do seixo e da mesa do café. Isso Sofia ainda não pensava porque estava imersa na experiência da coisa: o seixo, a xícara, o bule, o pão. "Eu, que sempre comi palavras, em vez de coisas, me vejo agora condenada a engolir as coisas, a respirar as coisas, a dizer somente as coisas, em vez de palavras."

Quando pequena, desde quando pequena, era assim: "Não quero purê, quero pirê; não quero uma boneca horrível, quero uma boneca horrorível." O pai costumava se preocupar com essas cenas. Ele sabia: não se tratava apenas de pequenos lapsos. Sofia não queria falar como os outros, mas tão-só no seu pequeno mundo de palavras esdrúxulas. E isso se confirmaria mais tarde, quando ela ganhasse o seu primeiro dicionário e o picotasse, regularmente, trocando algumas palavras escolhidas a dedo por outras que ela mesma inventava. "São palavras acostumadas", ela saberia mais tarde, trinta anos mais tarde, quando enfim o poeta atravessasse sua vida.

"Vim aqui em busca de palavras não acostumadas, poeta." Para dentro: Sofia dizia para dentro essas palavras. Mas o poeta sabia, escutava, entendia. Por isso chamou a moça com aquele olhar menino e resolveu mostrar-lhe a toca. Nas gavetas da velha escrivadinha, mínimos bloquinhos manuscritos rabis-cados por uma letra clara e frágil. "Sua caligrafia não é a de um ancião." "Há algo de obsceno na própria forma das letras", teria dito Joyce a sua mulher Nora. E essa lembrança bastou para que as faces de Sofia queimassem de pejo diante daquilo que era da ordem do amor, mas também quase da obscenidade.

O poeta, como sempre, em sua natural delicadeza, considerou que não devia ir tão longe. E fechou os cadernos, rapidamente, chegando a ter vergonha de tudo aquilo. Sofia teve pena. Queria — embora temesse —, queria muito ao menos um daqueles manuscritos. Mas agora o poeta já se encontrava do outro lado do quarto a lhe mostrar seus livros preferidos, seus velhos dicionários de páginas amarelas de tempo e manuseio.

Isso bastou para que ela fosse transportada para muito longe, para ainda menina, nos braços do velho avô. O avô de chapéu e cachecol, como um dândi, passava as tardes a escrever. E colecionava dicionários velhos, raros, numa estante antiga e curva onde pretendia, ainda, incluir o seu: um dicionário de palavras esdrúxulas que o avô escreveu e que não chegou a finalizar.

Subitamente o avô e suas coleções começaram a desfilar

pela memória de Sofia: dicionários antigos, edições raras, revistas de época, discos de música erudita, poemas de família, árvores genealógicas, baralhos, perfumes, cremes, luvas, lavandas, cachecóis. Assim a memória de um ancião atravessara sua vida de mulher: não como a de um velhinho doce e cândido, mas como a de um homem ainda aberto a certa volúpia. "Dantes a tua pele sem rugas, a tua saúde."

E foi o homem, não o velhinho cândido, mas o homem-ancião, que resolveu iniciá-la na música erudita. "Então a minha neta nunca ouviu Vivaldi?", o avô, uma noite, indagara surpreso à menina de dez anos. Pois então venha. E deitara-a na cama e pusera a seus pés a velha eletrola portátil com o disco de Vivaldi. E assim fizera adormecer a menina: acariciando-lhe os cabelos ao som de alguma primavera.

De manhãzinha, surpresa, a menina encontraria o avô ali, no mesmo lugar. Então o avô não dormira? "Não, claro que não. Passei a noite a acariciar minha neta e a fazê-la ouvir Vivaldi. Então, o que achou?"

Ainda menina, Sofia não suspeitaria da malícia dos homens, dos anciãos. Mais tarde ela saberia: o avô teria dormido ali a seus pés, ao pé de sua cama, e, antes que ela despertasse, ele se postaria ali a seu lado a acariciá-la. Por quê? Por amor à neta ou por amor a Vivaldi? Aos dois, naturalmente. Mas sobretudo por amor ao amor, por amor à causa que alimentara sua vida e sua morte, seus quatro casamentos, sua falência absoluta, sua irresponsabilidade, sua poesia.

Aquela lembrança súbita do avô travou amargamente a garganta de Sofia. "Estou aqui, diante do poeta, e uma menina ainda púbere adormece acariciada pelo avô. E tudo isso me faz chorar." Nesse momento, antes que o sol se pusesse por completo e a casa-caramujo do poeta se tornasse ainda mais concha, ainda mais casulo, apenas as palavras sagradas, estranhamente, cruzaram os céus que os abrigavam: "Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento? O homem não conhece o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes. O abismo diz: ela não está em mim; e o mar diz: não está comigo. Não se dá por ela ouro fino, nem se pesa prata em câmbio dela."

"Vamos descer, minha querida." Agora ele lhe estendia o braço e desciam, os dois, a escada em caracol. "Somos amigos", Sofia pensava. "Somos amigos, sempre." Na sala, a mulher, rodeada por retratos e álbuns antigos, a esperava. Queria mostrar-lhe um pouco do mundo do poeta. "Senta cá comigo. Vem ver um pouco da vida do poeta", ela convidava. "Haverá mundo do poeta?", Sofia se indagava. "Haverá mundo em que caibam o poeta e sua mulher?" "Habitarão, ambos, o mesmo mundo?"

A vida de Sofia, esta ficara para trás. A filha com o pai — o primeiro homem —, o segundo marido atônito, parado ao fim de um corredor. "É a hora. É a hora de você ir. Vá embora. Paramos por aqui." E ele fizera as malas, empacotara roupas e sapatos e pequenos objetos sem validade. E se fora. Para

sempre? Talvez não, se Sofia implorasse, como fizera antes. Talvez não, se Sofia chorasse e sofresse muito e gemesse de dor. Talvez não.

“Mas um homem de outra natureza é melhor que se vá. Melhor — para que eu não me torne também uma mulher de outra natureza. Melhor — para que eu não me surpreenda a sofrer por não ser dessa natureza tão sem angústia e sofrimento. Melhor — um homem sem poesia não vale quase.”

Isso fora assim lento, quase balbuciante, quase ilegível, e Sofia não se apercebera, naquele momento, que aquilo de fato era o fim. Depois, só depois, a caminho da casa do poeta, no ritmo entrecortado de um ônibus interestadual, essas quase-palavras atravessariam as lembranças de Sofia. Para imediatamente serem recobertas por outras, também quase-palavras.

“O que direi para ele agora?” E então já não era o marido que ela deixara para trás, mas o poeta, ali naquele avarandado de uma casa sem janelas. Não direi nada, porque é o nada que se impõe. Assim estiveram os dois, durante algum tempo tomados por esse silêncio opaco de uma tarde de epifanias febris.

Não que o homem tivesse a cara do nada, ela pensou depois. Mas o nada, o nada que era coisa nenhuma por escrito seria tudo o que ela sempre quisera e que ele sempre buscara escrever em seus livros: nonadas.

Com Rosa também foi assim. Mas Rosa — Sofia pensava — tinha uma exuberância maiúscula que sempre se sobre-

punha ao minúsculo de suas anedotas, de seus gestos de linguagem. Não era da mesma matéria a matéria do poeta. Sua natureza era menor, seu tom era menor, sua substância estava na pequenez do chão.

"Sageza", ela pensou. Sua substância, poeta, é a da sageza, não a da sabedoria, não a da sapiência. Pois onde se achará a sabedoria? O abismo diz: ela não está em mim; e o mar diz: não está comigo. Mas no abismo, e no mar, e na pedra, e nos rios reside a sageza. Por isso são cheios de nada como os textos do poeta: o nada que é coisa nenhuma por escrito.

Essa cena assim tão sem palavras e tão carregada de sageza penetrou fininho o coração de Sofia e ela teve vontade de abraçar o poeta. Mas as vozes de outros cantares se interpu-
nham entre ela e ele: "não acordeis nem desperteis o amor até que este o queira".

Por enquanto, Sofia dedicava-se a entender o amor. E o amor sublime de repente a arrebatara. "Bom dia, minha nega", o amor dissera. E o dia fora bom e acolhedor sob a terna luz da cidade. "Deus me deu um amor no tempo de madureza. Deus — ou foi o diabo?" E assim caminhavam os dois, em silêncio, em direção à casa do poeta. Por que era tão difícil conversar quando ficavam os dois sozinhos? Por que era mais fácil pronunciar palavras-coisas quando estavam em meio à família, aos amigos, às pessoas que os cercavam, sempre? Isso Sofia pensava, ali, talvez para não pensar que deixara para trás o amor fácil e pequeno, o marido das sete às onze, o homem

de alguns encontros semanais e poucas palavras densas e poucos gestos de afago e generosidade. Sofia deixara para trás o homem sem ternura e sem mistérios. E sua imagem, aos poucos se esfumando em sua memória, foi sendo ocupada pela imagem de um outro — o primeiro —, aquele de mistérios e ternura e intensidade, aquele de pequenos gestos e carícias.

Seria isso o amor? Um terceiro — o ímpar — seria capaz de nos restituir o primeiro, o único? Um terceiro — o impossível — seria capaz de nos mostrar o próximo, o real, o concreto, o verdadeiro? Sofia teve medo desse amor assim abrupto, talvez tardio, e quis dizê-lo ao poeta. Mas nada disse: como confessar que aquele encontro provável mas inesperado estava aos poucos fazendo-a retornar ao ninho de um antigo amor? Seria isso o amor? Um terceiro — a poesia — seria capaz de resgatar a intensidade de um primeiro, o poema?

O primeiro marido de Sofia era também poeta. E, habilidoso com as palavras, soubera, com elas, acariciá-la. Mas a violência da poesia, as asas de suas palavras em vôo, fora também capaz de amedrontá-la, uma vez. E agora, ali naquele cair de tarde com o poeta-ancião, a barbárie desse amor antigo retornava como um cataclisma, como um furacão. "Beija-me com os beijos da tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho."

Quanto tempo estiveram ali, os dois, no jardim das delícias, a beber e a falar, como velhos amigos naturais, do amor

à língua? A mulher do poeta, uma senhorinha suave e determinada, não deixava de acercar-se deles, periodicamente, como que a verificar que ali não se passava nada de anormal. "Então vocês estão aí", ela dizia, enquanto trazia a cerveja gelada. "Sim, minha nega. Estamos aqui e sóbrios, a falar de literatura." Sim, de literatura. E do amor. E do amor à literatura. E de seus amantes.

Naquela noite conversaram muito. Muitas coisas desúteis cortaram o silêncio já pesado que se interpunha entre eles. "*Adieu*", Sofia teve vontade de dizer. "*Adieu*" — um conto de Maupassant que ela não lera, mas que lhe ocorrera mesmo assim. Pelo nome, o puro nome: *adieu*.

Antes que se despedissem, foram, mais uma vez, à toca. Ali o poeta autografaria alguns cartões para Sofia. Ali o poeta a presentearia com um de seus livros, já esgotado, e umas palavras puras coisas, verdadeiras. Ali eles falariam, ainda uma vez, daquele amor: o impronunciável. "Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta. Cada sentido é um dom divino."

A letra trêmula do poeta, sua lentidão ao escrever, a luz tênue do escritório, as gargalhadas dos convidados no primeiro andar, tudo isso fez com que Sofia de repente temesse, temesse a impropriedade daquilo, a concretude daquele amor. Por isso ela disse, antes que ele terminasse de apagar as luzes e fechar a porta do quarto: "Então eu já vou descer." "Não, minha querida", ele a interrompeu, "nós descemos juntos."

"O meu amado meteu a mão por uma fresta, e o meu

coração se comoveu de amor por ele." Que fresta teriam aberto, os dois, para aquela comoção? Assim retornaram ao primeiro andar, onde as pessoas bebiam e fumavam. Sofia sentiu seu rosto queimar, quando se deparou com a mulher do poeta. Mas nada se passou. Apenas jantaram e sorriram, e Sofia desejou muito que a noite terminasse ali.

Na madrugada seguinte, tudo aquilo estaria terminado. Voltaria para casa e para a filha, e o coração atravessado por aquela intensidade seria capaz de repousar. "Obrigada por você ter vindo", o poeta lhe dissera, por escrito. Mas ali, diante de tudo e de todos, ele nada disse. Apenas levantou-se, como quem vai em busca de um copo d'água, e beijou-lhe suavemente a testa. *Adieu?*

Poucos minutos antes de subir para pegar a valise e abandonar definitivamente aquela casa, Sofia ainda sofreria o golpe lancinante do amor. Ao ouvi-la despedir-se da esposa, o poeta, já dormecido, decidira ir abraçá-la, vê-la partir. Em mangas de camisa, o peito desnudo, as calças largas do pijama, os cabelos em desalinho, o poeta acercou-se dela e beijou-lhe, pela primeira vez, a face. "Seus olhos são olhos de pássaro: sabiá com trevas", Sofia pensou, enquanto atravessava a varanda, em direção à porta da garagem que a levaria à rua, à morna madrugada de um sábado de fevereiro. Um choro contido atravessava a garganta de Sofia que já começava a sufocar com uma repentina crise de asma. "Felizmente o ar não está tão denso", ela pensou, enquanto entrava no táxi, rumo ao aeroporto.

Antes que o avião levantasse vôo naquela madrugada de verão, os olhos de Sofia ainda veriam a sua frente o peito desnudo do homem, do poeta que devolvera a ela o amor em sua forma bruta. "Já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez? Já lavei os meus pés, tornarei a sujá-los?", indagava o coração de Sofia. E antigas vozes, sopro frio em sua orelha, em tumulto advertiam: "Não acordeis nem desperteis o amor, até que este o queira."

Até que a morte

"Voávamos os dois, Paulo, e não éramos pássaros nem plumas, nem anjos nem inumanos, apenas um homem e uma mulher lado a lado sobre as escarpas do monte que já ia se acabar. Voávamos, Paulo, e eu tinha medo, porque éramos levados pelo vento, e nossos corpos que antes pareciam leves possuíam agora uma densidade incompreensível a nossos olhos de homem e de mulher. Estávamos lado a lado e o monte se avolumava, crescia sob nossos pés, mas o mais terrível não era o monte abaixo de nossos corpos, o horror era o fato de que o monte de repente ia se acabar, sabíamos, e que superfície então serviria de pista para que nossos corpos pudessem pousar? Eu tinha medo, Paulo, muito medo até que ousei pronunciar a frase, a frase do meu espanto e do meu desamparo. 'Vamos morrer juntos', eu disse, e isso foi o suficiente para que o monte sob nossos pés se esvaísse como poeira e lá estávamos nós a cair, mas como

se plainássemos, ou talvez plainássemos como se caíssemos, não sei.”

“Não gosto quando você vem com essas tolices, Luna.” Ele sempre reagia assim diante das frases da mulher. Mas hoje não se tratava apenas de uma frase do sonho, mas de uma revelação. Uma revelação do amor. “Por que será que os homens não são capazes de receber sem susto as revelações do amor?”, Luna pensava. Soavam sempre absurdas, obscenas, imorais suas revelações. E o curioso é que elas costumavam surgir à mesa do café, com as crianças ainda sonâmbulas diante de xícaras de leite e pratos de cereais, tudo tão limpo e tão saudável, e Luna imunda da poeira de seus tagerestes noturnos. “É que sonhei, Paulo”, dizia a mulher já em tom de súplica, como se se desculpasse diante da profanação. Mas não sabia ao certo o que profanara, se a imagem de um santo, no altar de onde um dia debulhara uma a uma as contas do rosário de sua adoração, ou se cometera o mais espúrio dos crimes: a profanação das palavras, a violação do impronunciável.

“Voávamos os dois, e nossos corpos eram dois e próximos mas equidistantes, e o sol não se dava a ver, mas estava lá porque o céu brilhava de um azul que me lembrava o azul dos céus de abril na minha cidade natal; íamos lado a lado, juntos, mas não tínhamos asas, Paulo, era o vento, a força imperiosa do vento, o que nos levava.”

“E o vento levou”, ele teria dito, se fosse dado a ironias às sete da manhã. Mas nada disse. Preferia fingir que não

escutava os disparates da mulher, não porque os considerasse de fato disparates impróprios para o momento, mas porque eles sempre lhe causassem (e isso ele não saberia mesmo explicar) um desconforto maior que o temor, menor que o pânico, um morno desconforto em que se habituara a pensar como sendo medo.

Mas não se tratava exatamente de um medo das mulheres, ele sabia, pois sempre soubera lidar com habilidade nesse terreno. Talvez se tratasse de um medo da morte, da iminência da morte que sempre se pressentia nas narrativas de Luna, aquela imagem que um dia surgira em sua vida com a força bruta da paixão e que também um dia, subitamente, desaparecera, deixando atrás de si, abertas, as veredas de um terreno seco e árido a que ele só poderia nomear como a devastação.

Teve vontade de dizer: "Não me venha com seus restos de sono, porque não quero restos, não quero sonhos, não quero farrapos da noite. Quero finalmente que você se deixe ver, que você me deixe vê-la como pessoa real e não como esse lusco-fusco, luz da minha própria cegueira, alucinação." Sim, porque a mulher, esta que um dia surgira com a violência do encontro e que um dia desaparecera como só são capazes de desaparecer as imagens do sonho ou do delírio, essa mulher adquirira para ele a qualidade de uma alucinação.

"Não éramos sequer corpos alados, Paulo, éramos corpos alíseos lado a lado sobre a relva fina em que, eu temia, haveríamos de tombar. Eu tinha medo, Paulo, porque olhava pro

seu corpo fino e você era ainda um menino, um efebo, eu diria, embora ao menor cruzar de seus olhos com meus olhos eu pudesse pressentir até um homem. Mas o corpo de menino, Paulo, me dizia que era possível que o pai fosse ali, ao lado meu, o filho, e eu queria também o amante, o homem, o corpo do filho não me bastava, ainda que o céu sem nuvens e sem suspeitas me dissesse que o vôo, o nosso vôo, fosse um presságio feliz.”

Nesse momento, o marido sentiu a garganta seca. Talvez porque tivesse exagerado um pouco no uísque na noite anterior, talvez porque o cigarro, um após o outro que ele já fumara cedo pela manhã, lhe provocasse agora essa secura. Talvez nada disso. Talvez porque a lua cheia da noite passada lhe dissesse que Luna estava chegando perto, estava bem próxima de abeirar-se do puro nada. Beirabismo, Luna, beirabismo, mulher, e eu que trago o pão quente às seis da tarde posso ser poeta, sou escritor as vinte e quatro horas do meu dia, mas não sou maluco. Uso as palavras com amor, como você, mas sei usá-las também com humor, e isso você não entende, e isso você nunca será capaz de entender.

“Porque sou daquelas que levam tudo a sério”, ela diria, “que tomam tudo ao pé da letra, e se alguém me diz olho por olho sou capaz de arrancar depressa um dente para fazer valer até o fim essa aposta da verdade. Mas você nunca suportou minha verdade, Paulo, e olha que minha verdade, aquela que eu endereço a você, sempre, ou quase sempre, não passa de

uma declaração da força bruta do meu amor. Mas você não suporta minha força bruta, não é, Paulo? Porque isso faz você me sentir, não sei bem por que razões, um homem, e tudo o que você quer é uma mulher a seu lado, não é? Sou uma mulher a seu lado, Paulo, veja bem: voamos juntos, os dois, lado a lado. Somos alíseos, mas não somos alados."

A menina, a essa altura, já começava a chorar. Não gostava quando a mãe vinha com essas histórias de homens e de mulheres, como se se tratasse de dois times de basquete, os vermelhos e os azuis. E o pior é que ela, a mãe, ora era azul, ora vermelha. Ao menos assim o pai a percebia. Ao menos assim a mãe se declarava em suas doses de amor selvagem. E a menina, que queria apenas um pai e uma mãe que se sentassem à mesa e lhe partissem o pão e lhe servissem o leite, a menina, no tumulto de seus doze anos, não era ainda capaz de suportar a força bruta do amor.

"Você não quer descer, minha filha, e jogar um pouco com suas amigas?" O pai sempre interrompia assim as conversas convulsivas que se desenrolavam à mesa. Aí, nesse justo momento, a mãe parecia mesmo enlouquecer. Porque era insuportável ver-se reduzir a um isto: uma fúria insana a bradar, diante da mais trivial das refeições, a sua fome de amor.

"Você me passa a salada, por favor?", ela dizia. E o homem compreendia que aquilo significava que ali se encerrava qualquer possibilidade de acordo, qualquer negociação, qualquer pequeno gesto de ternura.

"Não, não quero jogar", a menina respondia, tardiamente, ao pai. "Quero ficar aqui", ela pensava, em silêncio, "plantada entre vocês, como uma amendoeira velha, a mostrar, talvez por insistência, talvez por simetria, que não sou nem árvore nem qualquer espécie de ser de raízes sólidas, sou talvez uma folha, uma folha leve de uma planta qualquer que o vento leva, quando venta nessa cidade sitiada por montanhas." "Pteridófitas", ela disse alto, sem saber naquele instante o que a palavra significava, pois o exame final de ciências já havia varrido de sua memória todas as inúmeras classificações de vegetais que ela pesquisara com tanto esmero.

"Você é minha flor", o pai disse, como se adivinhasse que suas fantasias e seus temores passeavam agora por um enorme jardim, um jardim botânico de árvores de troncos densos e raízes milenares. "Que tipo de flor, meu pai?" "Um nenúfar, meu bem, você é um nenúfar com gotas de orvalho."

Flores. Era assim que ele se habituara a agradecer às mulheres. A algumas enviava flores, buquês viçosos e cheios de cor. A outras chamava com nomes de flor: "minha primula, meu cimbídio", como fazem os poetas. Luna já fora as duas: aquela que era a flor e aquela que recebe a flor. Agora lhe restava o travo amargo dos espinhos. E dos espinhos ela teria a mais pura espécie. E agora os espinhos davam-lhe a impressão de penetrar muitas vezes o coração e lhe chegar às entranhas. "Ao tirá-los, parecia que levavam consigo minhas entranhas e me deixavam toda abrasada do grande amor...", Luna repe-

tia baixinho, em oração. E os espinhos agora já não a atravessavam como antes, um dardo de fogo, mas se anelavam em torno de uma coroa tamanho vinte e cinco, e ela, que tinha uma cabeça vinte e sete, se sentia apertar por essa coroa da paixão. Mas não sangrava.

"Que grande pena tenho de tudo isso", ela disse, sem medir a avalanche de palavras que lhe brotavam da língua estrangeira que subitamente se pusera a pronunciar. Porque, na verdade, preferiria ter dito: "Por favor, meu bem, me passe a torrada com pouca geléia, me ajude com o bule de água quente, me permita escolher o chá com alguma sensatez, pois não quero menta, não, não posso agora escolher o chá de jasmim, nem poderia suportar o chá preto por causa da insônia. Então, me diga, meu amor: que chá é aquele apropriado às mulheres fleumáticas e ciclotímicas, às mulheres que ora falam demais, ora calam-se como criptas vedadas por gramíneas?"

Mas nada disse. E se fossem as gramíneas aquelas mesmas que, no sonho, se faziam confundir com a relva que cobria as montanhas onde os corpos de ambos, corpos alíseos, não alados, haveriam de pousar? E se fosse este o sentido do sonho, o sentido da frase enigmática: "Paulo, vamos morrer juntos"?

Não, não haveria de. O sonho era um sonho feliz e sem angústia, embora o medo, velho companheiro de Luna, estivesse também lá. E havia ainda a outra frase, aquela que o marido não ousara pronunciar. "E o vento levou."

"Éramos levados pelo vento, Paulo, os dois, corpos alíseos,

não alados, eu tinha medo não do vento, não da queda, eu tinha medo do momento em que os cumes se acabassem e a montanha sob nossos pés desaparecesse e o que restasse fosse o vácuo, embora um vácuo onde se pudesse ver, mesmo que ao longe, a grama fina, relva ou ramagem, como um tapete verde a nos amparar."

"É uma bela imagem", ele disse. "Vou roubá-la, sim? Vou fazer com ela um poema, você sabe." "Se você não quer que a roube, não me conte", ele já dizia, achando graça em tudo aquilo.

Seria mesmo por isso? Seria por isso que ela devia calar-se? Ou será que o seu silêncio, aquele que ele teimava em interpor entre ele e ela sobre a toalha branca da mesa, não sugeriria um pouco mais? Não queria ele, aquele homem poeta, que ela não lhe revelasse, assim de chofre, que ele era também um sujeito que se limitava a comprar o pão às seis da tarde e que não suportava que a sua flor, aquela a quem ele um dia cobrira de buquês e chamara de meu lírio, minha primula, fosse capaz de lhe mostrar os dentes como um cão raivoso, seus espinhos que as mãos do homem não ousariam tocar?

"Não, meu amor, você não pode ainda escrever o poema, porque ainda não conhece a beleza disso." "Sei que você a presente e talvez seja mesmo capaz de adivinhá-la, mas você ainda não a conhece. Ainda não. Não sei se devo dizer-lhe, não sei se você compreenderia."

"Pois diga, minha nega", ele já assentia com o coração amolecido. "Não serei eu a fazer aqui a fera para a beleza disto. Diga-me logo o que tanto a atormenta." Não, ela não diria. Mas pensava: "A tua boca era mais macia do que a manteiga, mas no teu coração, guerra; as tuas palavras eram mais brandas do que o azeite: todavia eram espadas nuas."

A menina, esta já havia deixado a mesa. Não que não se interessasse pelos sonhos da mãe ou pela beleza de suas palavras estrangeiras. Mas tinha medo da fúria que se aposava dos dois, mãe e pai, urso e leoa, quando eles se cansavam da fúria de um certo amor. Por isso fora brincar não com as amigas, porque estas podiam distraí-la demais nesse momento de gravidade solene, mas consigo mesma, seu jogo de resta-um a cujo resultado desejável — o um, a peça única — ela jamais conseguiria chegar. Mas era melhor assim: estar no quarto, a jogar, à espreita. Se alguém gritasse, se alguém gemesse, se fosse necessário surgir na sala e queixar-se de uma dor súbita, mas verdadeira, à boca do estômago, um deles, ou quem sabe os dois, poderia vir a seu encontro.

"Então vou lhe contar, meu nego. Mesmo que você não queira exatamente, mesmo que seu pedido não passe de uma estratégia pra que eu acabe depressa com tudo isso. É o menino, Paulo. O que me dói, no sonho, não é o homem e a mulher, alíseos, mas o menino e a mulher, levados pelo vento."

Pronto: dissera. Dissera de uma vez que amava o menino. Dissera de uma vez, assim como um soco no peito, que o

menino que ele era (ou que ele fora?) seria digno de seu amor. E, como se essa revelação viesse assim aos borbotões, como uma frase obscena, Luna começara a chorar. As lágrimas eram grossas e pesadas, o que significava que o pires, ao lado da xícara do leite já vazia, poderia transbordar.

Luna olhava para o pires branco, agora quase cheio de uma água turva, e pensava: "Não tenho mais a lágrima transparente e fina como a de minha filha. Não há mais pureza em minha comoção."

O homem, que nada dissera, levantara-se da mesa, como um fugitivo, e fora fumar o sétimo cigarro da manhã no alpendre do apartamento. Luna ainda quis lhe dizer: "Por favor, não envelheça assim tão depressa, pois o menino, o menino de corpo franzino e sem asas, pode sufocar." Mas nada disse. Levantou-se com os passos delicados — ela agora não era sequer vermelha, era rósea —, aqueles que ela sabia às vezes medir com a densidade e a leveza de um esmerado gesto de levitação, dirigiu-se até o homem, enlaçou-o por trás, beijou-lhe ternamente as duas orelhas.

"Quer saber o fim?" Ele não respondeu. "Caímos." O homem levou um susto. "Caímos no chão de relva fina e rolamos, como nos filmes, como dois amantes. E aí o menino era homem e era ardente o seu hálito de homem, embora fosse sempre franzino o seu corpo de menino."

O marido voltou-se para a mulher e deu-lhe um beijo na boca, sua língua era quente como as lágrimas de Luna que já

desciam grossas sobre a face da mulher e do homem. E Luna voltava então a voar sobre a relva fina: "Levanta-te, vento norte e vem tu, vento sul: assopra no meu jardim, para que se derramem os teus aromas."

Assim permaneceram por segundos que ali, na varanda da casa às sete da manhã, pareceriam uma eternidade. Até que foram despertados pela voz aguda da menina, que insistia: "Vamos, pai?" "Vamos", ele disse. Mas antes dirigiu-se à escrivaninha, no canto esquerdo do quarto do casal, antes de passar os braços pelos ombros da menina e fechar atrás de si a porta.

Sobre a escrivaninha deixaria escritos alguns versos, talvez um pedaço de poema que nunca viesse a ser inteiramente terminado. Diriam eles: "e nenhuma grama fina te cobre o ventre para que eu role abaixo".

A mulher leu, soletrou palavra por palavra, dobrou o pedaço de papel, guardou-o junto ao seio. Tinha recebido, ela sabia, a primeira declaração de amor do dia, talvez de há muitos anos, aquela em que o homem abria mão do cômodo assentimento de uma velhice antecipada para lhe dizer, com a irresponsabilidade dos meninos, "eu também". Mesmo que o "eu também" se escrevesse, como é próprio da rebeldia dos meninos, por linhas tortas, pelas letras turvas que desenham, sem condescendência e sem piedade, a palavra *não*.

© Corpo, Mais que as Vestes

A descida do leite

O leite que descerá esta noite não é de cabra nem de vaca, nem de égua, nem de baleia. O leite que descerá não é de tronco de árvore, nem do galho da planta que o menino descuidado arrancou. O leite que vai descer é de fêmea, é da mulher que agora atravessa a rua sem homem e leva nos braços um menino tenro e segura pelas mãos uma menina púbere. Os três atravessam a rua sem ombro de homem que os ampare, os três cortam a ventania da manhã sem voz de pai que os apascente, os três sozinhos — a mãe e as crianças — em breve verão o leite jorrar quente das tetas e isso então parecerá humano e natural. Os três não sabem, mas aos poucos eles se aproximam do que a lua sobre suas cabeças testemunhará: a descida do leite.

Ela, uma certa Joana, a mãe. A mãe e sua filha, sempre: Alice. Alice sempre sem pai. Sempre o pai morto na memória de Alice. "Um pai é sempre um pai morto?", Alice uma

vez pensara, ainda na nitidez dos seus sete anos. Nada lhe disseram sobre isso, pois que ela não ousava indagar-lhes. Em lugar de perguntas, fazia desenhos: desenhava estranhos objetos na carteira de madeira. Com a ponta de suas unhas afiadas, Alice desenhava estranhos objetos: homens de pernas longas e chapéus sem cabeça, homens de asa e óculos, homens sem olhos. Pais? Alice não sabia, desenhava apenas.

A mãe, Joana, não se preocupava. "Ela desenha homens estranhos porque nunca viu um de perto. Assim, lhe parecem estranhos: de chapéus, mas sem cabeça; de óculos, mas sem olhos." Na verdade, Joana, também ela, achava os homens estranhos. Porque aqueles que conhecera vieram justamente, no pleno vigor da saúde, a morrer em suas mãos.

O primeiro morrera de tosse, de engasgo. Joana tinha vergonha de dizer: "Meu marido morreu de engasgo." Mas era a pura verdade. O marido engasgara, um dia, com o ar. Joana não se surpreendeu, porque o marido costumava engasgar. E continuara ali, diante do homem engasgado, a lavar o prato de leite da gata. Continuara ali, diante do espanto da morte, como se a morte não fosse da ordem do espanto, mas da banalidade de um engasgo.

Até que, passado o espanto, não o dele, mas o dela, que afinal sobrara assim sozinha no mundo com a pequena Alice nos braços, passados dez anos de uma vida fora-homem, vieram o segundo e, com ele, a segunda gravidez. E a segunda morte, desta vez mais natural que a primeira: o homem tropeçou,

caiu e morreu. O absurdo é que isso se dera justo no momento em que Joana caminhava em direção ao homem, para contar sobre sua gravidez.

Depois tudo ficaria na memória de Joana como um filme de sábado à tarde na TV: um homem caminha em direção a uma mulher, uma mulher caminha em direção ao homem, no ventre da mulher há um bebê que vai nascer, o homem olha com certa ternura a mulher (talvez nem perceba que o ventre da mulher está mais abaulado), o homem não vê que há um pequeno declive na calçada, o homem tropeça e bate a cabeça no meio-fio, o homem é um homem morto.

Da segunda vez, Joana também não chorou. Sentiu apenas a pontada forte na base da barriga e abraçou a filha, que vinha acolher a mãe. Depois entraram e sentaram e tomaram em silêncio a sopa de cebolas que a mãe preparara pro jantar. O homem e sua poça de sangue, estendidos na calçada, poderiam esperar. O menino, não.

Por isso, talvez, Alice insistisse no desenho de homens estranhos sobre as carteiras da escola. E Alice insistia em desenhá-los com a unha do dedo indicador, que ela mantinha sempre razoavelmente crescida e afiada, como um canivete. Os professores, mais de um, já haviam levado reclamações à supervisora. A supervisora já havia mandado chamar Joana na escola. "Isso é porque os dois pais morreram", ela diria. "Como, 'dois pais'?" "Os dois morreram", continuava Joana, como um autômato, "um de engasgo, outro de tropeço." Joana

não sabia por que, mas gostava de falar assim, porque isso lhe dava vontade de rir. Não sabia por que, mas sempre que formulava essa frase, uma outra, mais atrevida, se anunciava. "Na verdade, os dois morreram de tolice", ela queria dizer. Mas não dizia.

Alice crescera nesse mundo sem homens. Na verdade, nunca sentira exatamente a falta deles. Os homens ficaram assim, em sua fantasia, ocupando esse lugar etéreo: não eram peixes nem pássaros, nem seres da água nem seres do ar. Os homens eram os homens e mais nada. Mas como o seu mundo era um mundo fora-homem, Alice não se importava com eles, pessoas, pais. Queria apenas os seus croquis, suas armações de arame encravadas a unha no tampo das mesas da escola.

Mas hoje, em que a mãe e o menino e a menina atravessam a neblina da manhã, eles ainda não sabem que o leite vai descer. Eles, não. Ela, sim: a mãe sabe, porque a mãe sempre soube que a sorte não lhe faltaria quando mais necessitasse. A mãe sempre soube que, em seu mundo fora-homem, não haveria lugar para mais desgraças que aquela fundamental, aquela de não ter um parceiro, um outro a quem pudesse dirigir suas culpas, suas angústias, seus temores.

"O que posso fazer se eles morrem?", Joana pensava. "Os homens morrem", Alice repetiria, sem saber por que, esta frase que lhe provocava cócegas na garganta.

Por isso chegaram em casa os três sozinhos, uma família

triádica como uma banqueta de três pés que, ao menor sopro do vento, pode se desequilibrar e cair. Mas não caía. Joana sabia que a banqueta não cairia assim tão facilmente. Por isso caminhava resoluta: o bebê nos braços, a filha nas mãos. Por isso não se incomodava com o receio do médico: "A senhora vai embora, mas, se em vinte e quatro horas o leite não descer, é preciso..." Não, não era preciso. O leite desceria, ela sabia. Bastava que se sentasse com paciência diante da janela que dava para a figueira. A figueira, única árvore daquele jardim sem árvores e sem flores.

Mas hoje a figueira florirá. Junto com o leite, que vai descer. Após o terceiro canto do galo que os três ainda poderão ouvir, do fundo do terreiro da vizinha. Após o ovo chocado pela galinha estridente. Após o pio do pinto arrepiado que vai sair do ovo estrelado na frigideira da vizinha, que costuma comer ovos no seu desjejum, como se fosse rica. Antes do latido dos cães, do mugido da vaca, do uivar dos lobos. Depois do sol, mas antes de o sol se pôr. Antes da lua clara o leite vai descer. Antes da lua.

Assim chegaram os três a casa, como se a vida fosse sem pensamentos. O menino não chorava. Joana não sentia dores. Apenas Alice sofria uma pontada fina na boca do estômago. "Mãe, estou com fome." "Veremos o que temos para comer", Joana diria, do alto de sua dignidade de mãe. É claro (a mãe sabia), não havia nada para comer. A geladeira vazia que ela deixara antes de dirigir-se ao hospital guardava ainda um resto

de macarrão azedo. E apenas isso: não havia ovos, não havia leite, não havia pão. Mas no armário havia um resto de vinho, o vinho com que ela, a mãe, celebrara na véspera o nascimento do segundo filho. Teve vontade de dizer para Alice: "Você quer vinho, minha filha?" Mas não disse nada. Antes pensou em campos verdejantes, com parreiras gordas caindo do céu. E homens fortes a pisar nas uvas e a amassar com os pés as uvas pra fazer o vinho. "E comerão a tua sega e o teu pão, que haviam de comer teus filhos e tuas filhas; comerão as tuas ovelhas e as tuas vacas; comerão a tua vide e a tua figueira; as tuas cidades fortes, em que confiavas, abatê-las-á a espada." Joana teve um medo súbito desse pensamento assim cheio de tantos homens fortes de uma vez só. E esse medo deu lugar a outro, com a imagem de dois homens mortos, os seus, se interpondo entre as parreiras e as uvas.

"Mãe, quero leite." Quem dizia isso ainda não era o filho, o bebê, mas a filha. Alice queria leite não porque tivesse fome, mas porque sabia que o leite seria capaz de despistar a dor. A dor do filho ou a dor da filha? A dor da mãe, ela supunha, porque a dor da mãe é mais forte. A dor da mãe é tão forte que não dói. Alice não sabia se era esse pensamento ou a pontada no estômago que lhe dava vontade de chorar.

"Mãe, se você não me der leite, vou chorar", ela teve vontade de dizer. Mas não disse. Não precisava dizer: a mãe sabia. Por isso a mãe já lhe entregava o menino, assim tão cedo. "Tão cedo a mãe me entrega o menino?" "É que a mãe vai à

padaria. A mãe vai trazer o leite, sim, Alice? Você olha o menino só um pouco. Só desta vez, eu juro. A mãe vai trazer o leite.”

E agora, sem leite, sem mãe, com o menino e com a pontada no estômago, não havia canto de galo ou flor de figueira que pudesse distraí-la: Alice chorava. Chorava talvez como nunca, em sua tenra vida de menina, tivesse sido capaz de chorar. Não faz mal: o menino não entende. Não faz mal: a mãe não vai ver. Por isso Alice podia chorar com o menino nos braços e o canto do galo no quintal da vizinha.

Por isso Alice não viu. Ninguém viu quando a primeira flor da figueira brotou. Nem o menino, porque este dormia. Nem a mãe, porque esta fora buscar o leite. Nem a filha, porque Alice, agora que o menino dormia, já podia deixá-lo na cama, entre os travesseiros, pra poder chorar sozinha. “Já posso chorar sozinha”, Alice pensava — e isso lhe dava vontade de rir e de chorar. A pontada fina na boca do estômago não ia embora. Era fome? Talvez não. Talvez fosse vontade de vomitar.

Com esse pensamento quase vontade, Alice vai ao banheiro. Mas senta no vaso, para que a dor não a faça cair. “Preciso sentar”, ela pensa. “Preciso sentar pra não cair. A mãe vai voltar logo, tenho certeza. Ela vai trazer o leite, bem sei.” Alice pensa e chora, mas a lembrança da mãe com um copo de leite nas mãos a faz sorrir. A mãe branca de leite. A mãe espumante.

“Mãe, você não trouxe?”, Alice indaga, quando vê a mãe de mãos vazias. Não, a mãe não tem o leite nas mãos. “É muito

cedo ainda, Alice. É cedo para os padeiros, para as padarias, para comprar o leite." "Mas não é cedo pras vacas", Alice pensa, mas tem medo de dizer. Tem medo de que a mãe se ofenda com esse seu pensamento assim tão bruto.

"Mas não é cedo pras vacas", a mãe diz. Como é possível? Como é possível que seja sempre assim, sempre a mãe atravessando suas palavras em curto-circuito? "Mãe, eu sinto dor", a filha consegue dizer. Por isso a mãe se dirige pra Alice, agacha-se ao lado do vaso e olha fixo pro ventre da menina ontem tão branca, hoje vermelha no meio das pernas. "Venha aqui, minha menina, a mãe vai te lavar."

Hoje, depois de tantos anos, a mãe volta a lavar Alice, suas mãos de carícia morna descem pelo ventre da filha, contornam suavemente o sexo, fazem cócegas. "Não chore, minha filha, isso não é nada."

Agora Alice dorme, ao lado do menino. Na cama que, por duas vezes, abrigou dois casais, dormem agora o menino e a menina. Na geladeira vazia, só o macarrão azedo de dois dias atrás. No armário, o resto de vinho da mãe e sua celebração solitária. Joana, do alto de sua dignidade de mãe, se põe a chorar. "Por que vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme."

"É cedo ainda", a mãe pensa. Mas o corpo da mãe não pensa, pois o leite morno já começa a atravessar a roupa e a descer pelas pernas. Com ele a mãe alimentará o menino, que não chorou. Com ele a mãe acalentará a menina, que não vai mais

chorar. Com seu leite, a mãe encherá o copo de leite que a menina viu no sonho da mãe branca, da mãe espumante.

A mãe branca, a menina vermelha e o bebê, em seu mundo fora-homem, verão o leite jorrar. Por enquanto, a vida parece parada. "Ainda é cedo", a mãe pensa. É cedo para o latido dos cães, é cedo para o uivar dos lobos. "E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, cerra a visão, porque só daqui a muitos dias se cumprirá."

"Ainda é cedo", a mãe pensa. "É cedo para os milagres que ainda se cumprirão. Mas não é cedo para as vacas."

Soletrando Armhed

Não adianta vir com esta tua mão errante pelas frestas, tentando abrir minhas portas, Omar. Estou em Tetuán, são cinco horas da tarde e o Mar Mediterrâneo é morno. A barca chegou tarde, era pesada e lenta. Daqui, posso ver ainda a península e percebo que os mapas não mentem. Estou aqui, Omar, e procuro Armhed.

Primeiro sei que vou molhar as mãos nesse mar morno, ver se suas águas salgam como as minhas. Primeiro vou. Depois não sei se a este mar vou entregar meu corpo. Espero por Armhed, aquele que um dia escreveu com todas as letras no meu coração.

Sou uma mulher fria e úmida, você sabe. Em razão dessa minha natureza fria e úmida, um dia me apaixonei por aquele que sabia manipular o objeto quente e seco com que escreveu seu nome no meu corpo. Nunca soube direito o que esse

nome significava, nunca soube ao certo pronunciá-lo. É um nome turco, alguém me disse.

"Primeiro esboçarei de longe os traços que compõem o desenho das letras", ele falou, enquanto fazia girar no ar seu dardo de fogo. Fiquei ali, paralisada por aquela dança que me lembrava um *show* pirotécnico desses que nunca vi. Eu era uma menina de natureza fria e úmida e Armhed era um homem, um quase mago que escrevia no ar com seu instrumento de fogo — a moxa, ele diria depois.

Estou aqui, Omar, porque Armhed escreveu com todas as letras no meu coração. Com todas as letras. Jamais pude ler seu nome, nunca soube ao certo o que ele significava, mas gosto sempre de pronunciá-lo assim com meu sotaque estrangeiro: Armhed.

Desde que Armhed escreveu em mim, perdi a língua de meus pais, você sabe. Perdi a língua de meu país. Primeiro esqueci palavras familiares, aquelas com que meu pai me chamava nas manhãs de sábado, quando ele podia ficar na cama até mais tarde e eu me deitava lá, no seu peito quente de homem. Primeiro estas. Depois outras, mais vagas, mais esvoaçantes, aquelas com que minha mãe medrosa me repreendia, quando tinha medo que eu caísse. Minha mãe sempre teve medo que eu caísse e, por isso, inventou palavras de alerta para me manter de pé.

Esqueci-me de todas, Omar. E fui cair aos pés do homem que busco agora nas vielas da medina, nos umbrais da mes-

quita onde as mulheres não entram, onde não posso entrar. Estou num sonho, é quase um pesadelo, talvez. As ruas são estreitas como estreitas eram as pautas do meu coração quando Armhed ali escreveu.

Eu era estreita, fria e úmida, e hoje já não sei, porque perdi minha língua, e as palavras que ele deixou escritas, eu não sei pronunciar. Procuo o homem das letras, o homem do dardo de fogo que escreveu em mim.

Os meninos correm em torno das minhas pernas e me pedem *dirhams*. Nunca viram assim uma mulher sozinha. Levam-me por ruelas onde entro e de onde não sei se sairei. Sou uma mulher estrangeira e talvez eles nem saibam que sou uma mulher.

Sou uma mulher que atravessou o mar por causa de um homem. Vim de barco, porque precisei repousar meu corpo sobre vagas frias e úmidas para que minha natureza não se perdesse como minha língua. Sou uma mulher que perdeu sua língua por causa de um homem de ferro e fogo.

Ando por ruelas e procuro outras de minha natureza. Serão frias, serão úmidas as mulheres de Tetuán? Não sei sequer se haverá mulheres nesta cidade. Os meninos me dizem que sim, mas elas se escondem nas frestas das portas de casas em que não posso entrar. Algumas, mais afoitas, saem às ruas com os filhos nos braços. É dia da circuncisão, diz-me, em tradução confusa, um menino vermelho a quem dei dois *dirhams*.

Ando por ruas estreitas e o que vejo são olhos de gato que me espreitam pelas frestas. Tenho duas saídas, Omar: correr dos olhos, ou fitá-los com firmeza, até que eles se esvaneçam. Não escolho qualquer das duas, pois não tenho como despregar meu corpo do chão, meus pés do chão, meus olhos do chão. Não posso correr, não posso fitá-los. Procuo Armhed, mas sou uma mulher cega. A luz do Mediterrâneo não me permite levantar o rosto. Quero ver o mar, quero ver a península que ficou pra trás, mas o rosto de um árabe me persegue como um ponto fixo, como uma bússola que não aponta pro norte, mas pra um lugar longínquo onde se lê: "perder-se".

Estou perdida, Omar. E Tetuán não é exatamente um bom lugar onde se perder. Penso, então, que sou uma mulher não tão fria, não tão úmida, e que teria, se quisesse, duas saídas: ou me vestir como as outras e esconder meus olhos cegos entre as frestas do véu, ou estender meu corpo sem mistérios sobre as areias deste mar. Eu ninfa, eu eterna, eu serenada por águas salgadas do mar estrangeiro não teria outro fim: ofereceria a Armhed meu interior frio e úmido.

Os homens todos dessa cidade não me parecem homens, Omar. Não porque eles se dão as mãos e se beijam nas faces. Eles não me parecem homens porque possuem, todos, os olhos da gazela aflita que um dia vi no livro de história das culturas de meu pai. Diante de homens-gazelas, mulheres úmidas como eu não têm mais que duas saídas: ou suportar seus gestos ligeiros, como se eles fizessem parte de uma corte que

aceitamos de bom grado, ou jogar com eles o jogo do animal sacrificado e ceder à força de sua submissa sedução. Mas eu não, eu não cedo a essa espécie de força e sou levada, sem que ninguém perceba, por uma terceira — aquela que é capaz de desabrochar os lírios que apenas no inverno abrem suas corolas.

Procuro Armhed, ou sou por ele procurada? Não sei ao certo. Só sei que não nos encontramos, nunca. Foi sempre assim: ele de um lado, eu do outro. Duas saídas para nós: fugirmos um do outro como dois animais medrosos, enlaçarmos um ao outro nossos corpos de natureza incompatível. Mas coube a mim, a jamais serenada, enfrentar uma terceira — aquela que, sem fugir, também não encontra. Ou encontra do outro lado, num ponto fixo e longínquo onde se lê: "perder-se".

Estávamos perdidos, eu e Armhed, quando tropeçamos um no outro. Eu caminhava por um cais do Sodré, em Lisboa, e imaginava se o Tejo poderia não ser rio, poderia um dia não ter sido rio, mas mar.

Armhed talvez sobrevoasse a península com suas asas etéreas de anjo, pois subitamente ele pousou em mim e cravou suas letras, todas as letras, no meu coração. O nome dele era unguento, mas eu não era exatamente um lírio entre os espinhos.

Assim nos amamos, sempre assim: ele lá e eu cá. Entre nós, um mar estreito que diziam rio, mas que era salgado e oceânico. Amei Armhed com meu amor oceânico de mulher

fria e úmida e ele me amou com seu dardo de fogo, como se fosse mesmo o anjo de uma certa santa.

Por isso estou aqui agora, Omar. Por isso olho para as mulheres da cidade como se elas fossem irmãs, filhas de Jerusalém. Mas seu olhar entre frestas de véus me faz pensar que não somos da mesma natureza. Armhed costumava dizer que minha natureza era dura como o cristal. Quanto a mim, o que sei é que sou fria e úmida e verto lágrimas com a mesma dificuldade com que digo adeus.

Por isso olho para essas mulheres e em seu olhar por entre frestas desfilam imensidões de areia, meninos circuncidados, cheiro de incenso e hena, suores. Poucos homens atravessam o olhar dessas mulheres. Quanto a mim, apenas um homem atravessou meu olhar. E não me recordo de seu cheiro nem de seus gestos, nem mesmo o traçado de seu rosto serei capaz de desenhar. Tão-somente as letras, aquelas com que ele escreveu seu nome em meu coração, desenham-se nítidas em meus sonhos.

Os meninos a minha frente se embaralham como em torno de uma professora de liceu. Digo que não tenho *dirhams* para lhes dar, digo que não tenho nada para lhes dar. Nada digo depois de alguns minutos, cansada da insistência. Diante da algaravia que não me comove, tenho duas saídas: ou finjo que minha natureza é glacial como a dos cristãos, ou entro por uma das vielas da medina e aceito a chávena de chá que me oferece o comerciante sempre a postos. Mas meu coração frio

e úmido não acolhe nenhuma das saídas e me derruba ao chão. Sou uma mulher perdida em meio a crianças e mercadores, tenho no bolso dois *dirhams*, e o nome daquele que escreveu em mim me faz chorar.

Estarei doente de amor eu? "Não me olheis denegrída", quero dizer para eles, mas desde que perdi a minha língua tornei-me incapaz de pronunciar as palavras da súplica e da humildade.

Assim me levanto e continuo. As ruas são estreitas, os caminhos se bifurcam, mas uma mulher fria e úmida não escolhe nenhum dos dois. Haverá sempre um terceiro para além daqueles que se abrem a sua frente. Para além dos caminhos que se bifurcam, tudo é deserto.

A tarde cai sobre Tetuán como um teto de espuma. Os homens de olhos de gazela desistiram de mim. Creio que entre eles tornei-me uma igual. Um cheiro adocicado me enleva e me traz de volta o odor do corpo de Armhed. Pelo perfume de seus óleos doces, o óleo entornado do seu nome. Tenho medo de que ele venha com o cair da tarde e que, de sua presença de anjo, se abram duas asas: uma que me fará alçar vôo e outra sob a qual me encolherei, mínima mulher já adocicada embora úmida.

Assim será, Omar. A tarde cairá sobre a cidade e, de algum lugar longínquo, virá o anjo com suas asas de fogo. Uma mulher fria e úmida não deve temer o fogo, mas vou temê-lo, eu sei. "Tu, que amaste minha alma, mostra-me aonde

levas?”, indagarei, sem perceber. E as asas se bifurcarão como duas estradas: uma há de levar a terras desconhecidas, outra me trará de volta à língua de meus pais. Nenhuma escolherei, mas tão-somente aquela que o anjo e suas asas não me indicarão, aquela que se abre em direção ao perder-se de vista, aonde tudo o que resta é devastação, poeira, deserto.

Coração de touro

Coração de touro apertou-me a cabeça contra seu ombro esquerdo — suas mãos grossas tremiam, mas mesmo assim me afagavam com uma ternura disrítmica — e, enquanto sacudia seu corpo como se de repente estivéssemos os dois numa cadeira de balanço, dizia: “Minha filha, por quê?”

“Não sei, meu pai”, eu não respondia. Mas pensava: “Porque não consigo, porque não suporto, porque não sei.”

Meu pai estava ali, a meu lado, e pela primeira vez pai e filha formavam um quadro familiar sem distúrbios, sem inversões: era no ombro do pai que a cabeça da filha deixava-se tombar, eram lágrimas de sal o que ela vertia de seus olhos, eram súplicas, queixas, lamentos o que se traduzia em tantos porquês.

Meu pai era um touro. E foi preciso que muitos anos se passassem para que eu pudesse ver isso. E foi preciso que um dia, numa súbita manhã ensolarada como as demais, eu

murchasse numa melancolia infinita e sem palavras para que pudesse somar meu silêncio ao silêncio de meu pai e assim abrissemos os dois uma vala, um veio comum onde sepultaríamos, pai e filha, a nossa dor.

Por que era tão difícil chorar assim menina no ombro de meu pai? Porque sim. Porque não consigo. Porque não suportar. Porque ele poderia não suportar. E talvez por isso nossa vida tenha transcorrido assim morna, sem grandes sobressaltos: éramos então os únicos remanescentes de um susto fatal de cuja sina milagrosamente escapáramos.

Mas era hoje e estava eu ali, cabeça tombada sobre o ombro de meu pai, uma existência separava pai e filha, casamentos, divórcios, filhos, netos, doenças, fomes e gulas, insônias e longas noites sonâmbulas de sonhos e desejos, e meu pai estava ali, a meu lado, uma cadeira de balanço era o que seu corpo era a me fazer reclinar para a frente e para trás como uma gangorra, como um carrossel, como um brinquedo desses de infância que nunca acabam de girar.

Meu pai estava a meu lado e seu coração gordo pulsava. Seu coração grande pulsava em minha orelha direita e por segundos fazia-me pensar em infartos do miocárdio, coágulos, hematomas, marcas que o sangue deixa sobre a pele e o rosto e os pulmões.

"Teu touro abatido ali diante de teus olhos, mas nada comerás dele." E nem mesmo a lei dos céus era capaz de paralisar o coração de meu pai. "É um coração de touro", pensei.

“Não se deixa abater, não se deixa parar, não morre nunca, este coração.”

Nada disso eu disse a meu pai naquela manhã em que estivemos assim calados, assim colados como pai e filha num livro de ilustrações. Apenas o seu coração inundava a minha orelha de batidas firmes e ocas que eu escutava, uma a uma, como um mantra, como uma canção familiar, como uma melodia longínqua que me adormeceria, talvez, se naquele momento eu fosse capaz de brandos enternecimentos.

Meu pai, como sempre, disse pouco ou nada disse. Até que subitamente nos percebemos rindo da loucura daquela nossa conversa sem nexos e sem palavras. Mas as lágrimas salgadas que meus olhos vertiam, incansáveis, não nos permitiam confundir aquele riso com qualquer espécie de humor. Aquele riso era antes da ordem da graça, do dom, da dádiva dos céus, do amor que durante anos unira pai e filha, coração de touro e coração de vidro, homem e mulher, boi e gazela.

Não sei quanto tempo estive assim, a cabeça tombada sobre o ombro esquerdo de meu pai, a chorar por todos os mortos que nossas valas comuns haveriam de enterrar. Talvez isso tenha durado apenas um breve instante — o suficiente para que eu desenhasse em minha memória um quadro esquisito e terno, de uma estranha *Pietà* com sua criança ao colo.

Meu pai nada disse ou disse pouco. Mas o ritmo de seu corpo de repente tornado cadeira de balanço ainda hoje me

embala, enquanto seu coração cheio de fibra e cor soa ainda, descompassadamente, em meus ouvidos de filha para sempre amparada do frio, da fome e da gula, da insônia e do sonambulismo.

Duas meninas na colina

Uma disse à outra que se encontrassem na colina, no topo da colina, quando fosse muito cedo ou quase tarde e o sol não pudesse ainda ou mais arder seus olhos. Uma queria que fosse no topo, porque gostava das subidas, mas a outra preferia estar na base, com sua saia rodada que ela guardava especialmente para a ocasião. Sob as saias rodadas, seu corpo roçaria as gramíneas, e ela, que era dada às alergias de contato, poderia deixar-se sofrer com a pele levemente irritada pela textura das plantas.

Uma disse à outra que era preciso que o encontro fosse breve, porque breves devem ser as cerimônias do adeus, mas a outra, a que não temia o abandono nem a tolice que se apossa sempre das cenas quando elas já são passadas, sugeriu que permanecessem ali, por mais que um tempo breve, a assistir ao espetáculo do sol, que então nasceria ou morreria.

À menor alusão à morte uma sofreria profundamente,

porque não suportava qualquer espécie de subtração do outro ou de dissipação da imagem. Assim, não queria ver morrer o sol, como se houvesse nessa cena o prenúncio de outras mortes que além ou aquém do sol a espreitavam.

“Não instes comigo para te abandonar, para recuar de te acompanhar; pois, aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pernoitares, pernoitarei eu. Onde quer que morreres, morreréi eu e ali serei enterrada.” Mas a outra, a que fora definitivamente marcada pela frase da mãe à beira da morte, insistia que sempre não pode, sempre não pode ser feliz.

“Nunca”, a outra a corrigia. “Você quer dizer que nunca pode ser feliz.” “Não, minha amiga”, a primeira insistia. “O que quero dizer é que sempre não pode ser feliz.” A outra não entendia. E a amiga não se explicava. Não porque tivesse algum gosto especial pelos enigmas, mas porque não podia suportar a tolice da outra. Julgava-a sempre provocadora, embora de uma provocação quase leve, quase pluma.

Assim permaneceram as duas, ao pé da colina, lado a lado, duas meninas desiguais, e então se amavam. Talvez não se amassem uma à outra, porque mal podiam se falar e o atrito começava: jamais concordariam que o cão é cão, que o rio é rio, que as patas da aranha são as patas da aranha. Mas talvez concordassem que aquele momento — ou aqueles, todos, os poucos em que raras vezes elas se encontravam ali, lado a lado, ao pé da colina — era um momento recoberto pela névoa

da delicadeza, e esta, a qualquer gesto mais brusco, poderia se dissipar.

Por isso permaneciam assim, lado a lado, e algumas vezes frente a frente, mas não ousavam se tocar. "Não toco em ti porque és feita de areia", uma pensava, "e podes te dissolver." Não te tocarei porque o teu corpo é uma flecha fria e, se não regela o coração, há de trespassá-lo sem piedade."

Elas não sabiam, é claro, que se tratava ali não da dissolução, nem da penetração, mas do desvio. Delírio — o desvio da lira — talvez fosse o nome correto que se pudesse dar a este amor. Por isso, quando se encontravam assim, ao pé ou ao topo da colina, à sombra ou sob a luz da dor, era sempre de um certo amor que se tratava: o amor à delicadeza.

Mas naquele dia, justo naquele dia em que o sol, recoberto pela névoa, não se oferecia em espetáculo, uma delas — não as duas, pois bastava que uma ameaçasse o gesto para que, na outra, a fenda do amor se abrisse — decidira se entregar ao abandono. Marina (este era seu nome) se decidira, do topo daquele monte escarpado, atirar-se ao mar.

"La mar me chama", ela dizia. "E eu nunca me furtei ao chamamento de la mar." A outra não compreendia: não compreendia se tudo aquilo não passava de mais um espetáculo da impostura amorosa, ou se era uma espécie de jogo — o perigoso jogo das metáforas — em que ambas, por vezes, se lançavam.

"Assim não brinco mais", a outra disse, mas suas palavras

não produziriam nenhum afeto na primeira, que caminhava decidida para o topo extremo da colina, de onde já se via, abaixo, la mar. Gostavam de dizer assim, no feminino (e com a nobreza com que se nomeiam as nobres damas), este nome que, na língua que lhes era dado pronunciar, se dizia sempre no masculino. Gostavam de dizê-lo assim, talvez porque la mar assinalasse que o seu mundo, o mundo das meninas na colina, fosse um mundo outro, fora cortes bruscos, fora sustos, fora tempestades. O mundo da delicadeza, elas diziam. E era isso o que pareciam sustentar ali, mesmo no último gesto: a insustentável delicadeza feminina.

Elas não sabiam, parece, que o amor e a delicadeza às vezes são incompatíveis. Ou sabiam e por isso fingiam não amar. Eram amigas, não eram amantes. E talvez por isso não fosse permitido a qualquer das duas tocar a outra.

Ou talvez um dia se tocaram e a música que soara das cordas de seus corações não fora assim tão suave. Pois que ambas não deixavam por menos: queriam, desde sempre, o sublime. E não se contentavam com esse amor que não fora arrancado das cordas do sublime.

E mesmo a noção do sublime era, para cada uma delas, diferente. Assim, para Marina, o sublime residia nos altos gestos. Marina, aquela que agora, no topo da colina, ensaiava seu derradeiro salto em direção a la mar. A outra, Celeste, sabia, sempre soubera, que o sublime não se encontra nos céus ou nas estrelas, mas nas misérias do humano e do inumano. Por

isso colecionava pequenos gestos, pequenos restos, pequenos objetos que escondia, tímidos, nos cantos da casa. E era este talvez o seu defeito maior, aquele que Marina não seria mesmo capaz de suportar.

Seria assim para sempre, elas sabiam: o eterno desencontro. E porque uma delas não suportava que o encontro fosse breve, ou que o desencontro fosse eterno, decidira, então, abandonar-se a la mar. Ali, do topo da colina, la mar estendida a seus pés não parecia misteriosa nem traiçoeira. La mar era simplesmente sublime.

"Vou-me embora com ela", disse, antes que fosse muito tarde. A outra desviou o rosto em direção ao sol, mas, como se lembrasse que o sol habitava as alturas, voltou os olhos ao chão e começou a buscar ali os objetos úmidos e mínimos com que costumava preencher sua vida. O silêncio do fim da tarde ou da aurora breve não era cortado por nenhum som, salvo o das ondas de la mar que pareciam prever uma certa tempestade.

"Não mirarei o sol, não olharei para teus olhos, estarei aqui, agarrada ao chão, pois este é o meu mundo, o dos pequenos seres úmidos e celestiais." A outra já não a escutava. Lá estava, longe, nos braços de la mar.

No chão de Celeste, aquele que ela escolhera como o solo de seu amor sublime, desenhava-se uma curiosa partitura sem notas musicais, apenas pautas, outras pautas, letras desconhecidas como as de uma caligrafia feita de gatafunhos. "É a

escrita dos seres que me celestam", pensava a amiga, enquanto no chão se esboçava, sem qualquer esforço, o engenhoso desenho composto do rastro quase invisível de minúsculos seres, quem sabe caranguejos, gafanhotos, aranhas.

Homem atravessa a paisagem

Às vezes a beleza me visita. E eu sabia, desde os primeiros minutos daquela transparência de manhã, que aquele seria um desses dias. E por isso tinha medo. Sempre tive medo da beleza — nunca soube muito bem como me comportar diante de situações em que o seu fulgor me assalta e, em vários desses momentos, pude assistir ao espetáculo da vida ruindo (precisamente, a minha) a um mínimo pousar do belo sobre meus ombros.

Era cedo e eu caminhava por uma estrada lateral, que me levaria mais rapidamente à porta da escola. A manhã ainda úmida das gotas da noite tinha um ar especialmente cálido, e isso não era exatamente um convite, mas uma revelação. "Quantos seres aqui respiram, neste pedaço de terra, neste instante?", eu pensava, e esse pensamento insuportável não se movia sem alguma angústia. Meus passos pesavam, mas

eu ia, sem querer eu ia: algo de terrível talvez me aguardasse no fim daquele caminho rotineiro.

Antes que eu pudesse me acercar do homem, sua presença, inteira, já se havia desenhado no horizonte. Ele estava ali, real e absoluto como qualquer homem, e seus olhos — aqueles que eu ainda não vira — não me surpreenderiam: ele queria a mesma coisa que eu. Isso ainda não sabíamos, isso eu pensaria anos depois, quando então nos aborreceríamos, juntos, diante do diálogo banal dos sujeitos a nossa volta. Por enquanto, e por muito tempo, o que havia era o homem e sua irredutível realidade: suas mãos na terra não ensaiavam um gesto de afago, mas de labor.

"Amarei um bruto?", meu coração indagava. Mas meu corpo nada queria saber disso. "Vai daqui, corvo de Poe. Vai daqui, amarelo de Van Gogh", lembro de haver pensado, minutos antes que meus olhos pudessem perceber as mãos do homem: elas estavam úmidas de terra e arrancavam ali, do chão, alguma coisa que eu nunca pude compreender inteiramente.

"Saem da terra os rebentos eis o tempo da poda, na figueira brotam os figos e a vide o odor ergue-te a ti mesma, minha pomba brava", ele não me dizia, porque o homem, de fato, nunca falou. Mas a simples visão de suas mãos abertas, e suas veias, e os sulcos que ele abria com firmeza na terra, seria capaz de me transportar.

Tudo se passou assim dessa forma entre nós: nunca compreendi inteiramente o homem, sua linguagem, suas pala-

vas entranhadas de um absurdo amor. Mas suas mãos sempre tiveram a sabedoria de me fazer calar e ceder. Com elas, um dia ele fez brotar um estranho buquê de nenúfares no meu peito. Com elas ele apascentou as cabras que uma vez surgiram no pasto, enquanto nos amávamos ali mesmo, sobre a terra. Com as duas mãos ele fez um buraco fundo em meu estômago, onde pousa uma delas, às vezes, quando quer me enlouquecer. E assim, com suas mãos de bruto, ele faz ruir minha vida.

Hoje o espero de novo, não exatamente naquela estrada lateral em que o vi pela primeira vez, mas em algum outro lugar surpreendente em que, eu sei, ele haverá de estar. Talvez ele não diga nada. Talvez suas mãos venham vazias e com elas ele não me afague, porque ele será avaro. Mas sei que, à sua mínima presença, o desenho de seus dedos e suas veias e seu pulso esquerdo ainda cintilará na penumbra dos meus olhos, como quando era a primeira vez, a primeira manhã, e eu pude ver que os seus cantos de unha estavam sujos de restos de fezes que ele tentava limpar com a terra. "São de minha filha", ainda o ouço dizer. E isso bastou para que eu fosse tocada, definitivamente, pelo sublime.

As quatro distrações

Aqui estamos, nossa mãe, à barra de vossa saia, sentadas como convém a quatro donzelas, nossas saias em leque como guarda-chuvas abertos não deixam ver vossos joelhos, nossa mãe, e Nina, a mais bela, a mais jovem, há de vos perguntar, aos tropeços como é de seu estilo, se quereis uma chávena de chá ou um pôr-do-sol antes de vosso repouso, e Yara, a mais terna, a mais vaporosa, vai dizer com sua voz mínima quase sopro que o ar está pesado e lhe impede a respiração, e Verônica, nossa mãe, terá nas mãos o pano seco que enxugará nossas lágrimas se um dia elas jorrarem, nossa mãe, copiosas lágrimas que poderiam encher vossa chávena de chá, vosso pomar, vosso rio, vossa lagoa rasa. Só eu, nossa mãe, a mais teimosa, a mais claudicante, a mais trôpega de palavras, insistirei com meus gestos toscos a fazer acenos em vossa direção, como se estivésseis longe, desaparecida, boneca de olhos furados numa precária embarcação.

Eu era pequena, lembro, e nossa mãe com suas mãos ágeis e seus gestos inquietos lavava-me insistentemente os olhos assim que despertávamos. Era sempre esta, a ordem: primeiro Nina, a mais bela, depois Yara, a mais terna, depois Verônica, a que um dia enxugaria suas lágrimas, até chegar a mim, a mais trôpega, a filha manca e sem ternura. Não sei bem por que, já nessa época, os rudes gestos de nossa mãe me faziam querer chorar, e eu não chorava, pois pensava em Verônica com seu pano seco que jamais se prestaria a secar minhas lágrimas. Engolia todas, uma a uma, as lágrimas, e dizia pra minha mãe no meu tom de menina impenetrável à dor, à mãe e à morte, por que você faz assim comigo, por que você lava sempre os meus olhos como se limpasse as vísceras daquela galinha que você não teve a coragem de matar, mas que será por você limpa e destrinchada como eu me sinto agora por suas mãos com pressa e sem ternura, por que, do corpo, são os meus olhos o que você escolhe para o sacrifício?

Minha mãe não respondia, pois meu pensamento era longo, minhas palavras eram claudicantes e suas mãos eram ágeis. Eu não havia ainda acabado de pensar ou de dizer, e minha mãe já terminara de pentear a filha bela, a filha terna, e já se dirigia então para a filha do pano seco, a filha com seu pano de Verônica, para depois chegar a mim.

Eu não sabia ainda por que, mas todos esses gestos tão precisos, tão concatenados de nossa mãe despertavam em mim uma fúria branda que eu a princípio aprenderia a domar como

se domam os animais que conseguimos um dia fazer domésticos, mas que depois, com o passar dos anos, eu desenvolveria lentamente até me transformar numa esgrimista, uma meticulosa esgrimista que praticava a arte nos seus mínimos detalhes, como um estranho *ballet*; à espera do dia em que eu pudesse enfim vê-la face a face, a nossa mãe, e então furar seus olhos.

Não me lembro quando, nossa mãe, comeci a nutrir esse desejo estranho de furar vossos olhos. A princípio pensei que isso se devia à minha secreta rebelião, pois se os meus olhos sempre estiveram assim nas vossas mãos, como miolos de pão que alguém amassava em água e detergente até senti-los lisos, sem qualquer rugosidade, se um dia meus olhos foram assim a vossa coisa, um dia, quem sabe, os vossos pudessem ser meus também.

Eu tinha pouco mais de cinco anos, creio, e ainda não era capaz de entender que minha mãe era cega. As outras, as irmãs, sempre me diziam que era inútil, e rude reagir assim contra seus gestos ríspidos, que ela não tinha a exata medida deles, pois não podia ver, mas eu não compreendia como seria possível que as mães não vissem. "Como é possível que as mães não vejam?", indaguei, anos mais tarde, à supervisora da escola. E lembro-me de seus olhos, os seus, sim, atonitamente voltados em minha direção. Talvez tenha sido esta a primeira vez em que me vi verdadeiramente olhada por uma mulher. E tive medo. "Não me leve a mal", disse a ela com minhas pala-

vas trôpegas. "Não sei bem o que digo, quando preciso me referir à cegueira de minha mãe." E fui caminhando em linha reta, com medo de me virar à esquerda ou à direita eu caminhava em linha reta, temendo meus passos tortos sem saber que tortos não eram meus passos, mas minhas palavras.

Pois sim, nossa mãe, resolvemos então crescer apesar de, apesar de vossos olhos cegos, apesar de vossas mãos inquietas, apesar de vossa determinação inalterável que se dedicava a nossas abluções como quem ordenha suas vacas cuidadosamente alinhadas num curral. Pois sim, nossa mãe, crescemos à barra de vossa saia, sem nunca exatamente compreender por quê.

Mas Nina, mas Yara, mas Verônica, estas nunca foram incontroláveis como eu. E talvez por isso tenham desenvolvido, à barra da saia de nossa mãe, o estranho hábito de fazerem perguntas para as quais não aguardavam respostas. "Pois não é verdade, nossa mãe, que nos dias quentes a figueira parece querer sangrar, e os figos pedem para ser mimados com pequenas graças, breves borrifos de água morna, um pouco de sal ao pé da árvore, um vento fresco para atravessar os galhos?"

Nesses momentos, eu abaixava os olhos. Não por vergonha, mas porque era muito triste ter que ver, ter que verificar uma vez mais que nossa mãe olhava para o nada. Antes de abaixá-los, antes da primeira vez em que abaixei os olhos, creio que vi a névoa que os encobria e tive medo. Tive medo da paisagem de neblina que minha mãe parecia avistar, ao longe, na

direção da figueira que ficava no fundo do quintal. Era a primeira vez e eu ainda não sabia que o meu medo não era exatamente do que minha mãe não via, mas daquilo que ela ousaria pronunciar diante da neblina. E o que ela disse foi como uma confirmação de minhas suspeitas: "E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça." "Palavras da cegueira", eu pensei. Não palavras trôpegas como as minhas, mas palavras determinadas e perfurantes como seu olhar de cega.

Por isso eu não queria, eu nunca quis me incluir entre as quatro, as filhas de nossa mãe. Não simplesmente porque eu não fosse Nina, ou Yara, ou Verônica, mas tão-somente porque eu houvesse descoberto muito cedo que suas palavras eram ainda mais perturbadoras do que seu olhar.

Desde então dediquei-me a este ofício de não ser filha de minha mãe. E habituei-me a entender, a considerar suas palavras de cegueira como breves distrações que minha mãe se permitia quando nos tinha ali, reunidas, à volta de sua saia. "Estas são as distrações de nossa mãe", eu pensava. "Ela se distrai, é certo, mas talvez esta seja a sua maneira de responder à cegueira", eu entendia. "Se não vejo", eu pensava por ela, "é possível que eu me distraia do que não vejo e seja então autorizada também a não compreender, a não responder, a não pensar." Assim minha mãe se explicava no fundo de minha inquietação. Mas assim mesmo (ou talvez por isso) eu não

queria, eu não suportava a idéia de me incluir entre as suas quatro filhas. "Não, mamãe, não serei eu uma das suas quatro."

Nunca me conformei à idéia de que somos as quatro distrações de nossa mãe. Por isso me sento, ainda com algum constrangimento, à barra da saia dela, e finjo interessar-me pelo que ali se passa, e esforço-me em fazer perguntas para vê-la tergiversar. Nunca saberei descrever a dor que me causam essas ausências daquela mulher distante, que hoje sequer é capaz de lavar nossos olhos com seus gestos mecânicos. No entanto, suas saias e camisas daquela cambraia fina e engomada me dizem que de alguma forma o tempo, para aquela senhora, não passou.

"Ela é uma mulher doente", penso, sempre que a fúria parece querer apossar-se de meu coração. E então a recebo com certa ternura, e sou até capaz de formular de novo uma de suas perguntas preferidas. "Não é verdade, nossa mãe, que os ruídos da natureza devemos esquecê-los, um a um, para que não nos atormente a memória da eternidade?" É quando nossa mãe ensaia um quase-sorriso de assentimento e alívio, e repete, como um oráculo, a sua preferida predição: "Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas." Para mim, isso é o bastante. Por isso me calo — embora nunca me distraia — e vou chorar no quarto ao lado para que Verônica, a do pano seco, não deseje minhas lágrimas.

Aquela que contempla

Lúcia acordou com o mal-estar da noite atravessada. Atravessada na garganta, talvez, porque algo lhe doía sem que pudesse saber o quê. O homem não estava a seu lado, porque, na travessia da noite, Lúcia teria escolhido dormir sozinha, num canto de sofá. Às vezes Lúcia precisava se sentir assim: sozinha num canto de sofá. E assim, no frio da noite e da insônia, Lúcia atravessava também o silêncio em que todos dormem, o silêncio do murmúrio que aquela criança, a sua, escutaria quando todos dormem. "É a noite", Lúcia pensava, imaginando o corpo dúctil de seu bebê no quarto ao lado.

Tudo se passaria num desdobramento de tempo infinitamente longo até que a manhã a apanhasse ali, num canto de sofá. E o telefone: o pai estava morto. Não o seu, ainda, mas o dele, o do marido. Como dizer a ele? Como descer até o fundo da garagem, bater à porta e declarar, na luz da manhã, "seu pai morreu"?

Caberia a ela esta notícia do último fracasso do mais fracassado dos pais. Caberia a ela, que se recusara a atravessar a noite com o homem enquanto seu pai agonizava, estender-lhe agora a mão na travessia da morte. "Seu pai morreu", Lúcia lembra de ter dito, esperando ver ali nos olhos verdes dele uma sombra de dor. Mas ele não a olhou. Preferiu correr e fazer o que os homens fazem quando estão com as mãos vazias abertas ao abandono: o homem precisava tomar providências.

Lúcia olhava para suas unhas enquanto ele segurava entre os dedos, com uma força que ela desconhecia, o telefone, o catálogo, o cigarro, o isqueiro. Lúcia percebia então que ele teria forças para carregar o caixão do pai e esse sentimento a inundava de um inesperado alívio.

"O que farei enquanto ele usa as mãos e sua agilidade para dar as costas ao abandono?" "Vou arrumar sua mala", ela disse — e a aquiescência do homem a apaziguou por algum tempo. Diante do armário do homem, de suas gavetas, de suas camisas puídas, um pensamento inquietante voltaria a perturbá-la: "Os homens me comovem." Mas, dessa vez, não seria a sua vez de chorar.

Tudo isso se passou muito depressa ou muito lentamente, até que estivessem ali, os dois, diante da porta da casa dos primos, ele com a mala nas mãos, ela com as mãos vazias. E seria ali, à porta de uma casa qualquer numa avenida quase suburbana, que ela teria de deixá-lo, sozinho, esperando pelo

carro que o conduziria à cidade pequena em que morrera, às nove da manhã, o seu ínfimo pai. Talvez fosse isso, ou os soluços entrecortados do homem, ou seus ombros nem um pouco curvados que ela ainda viu quando se voltou para trás, talvez tudo isso a fizesse chorar naquela manhã as lágrimas frias da morte.

Caberia a ela, agora, tomar as providências: buscar as crianças no colégio, dar-lhes de comer, esperar que elas dormissem para então sofrer um pouco, sossegadamente. Mas não: restavam-lhe, ainda, quinze minutos de solidão e silêncio. "Os homens não sabem o que as mulheres são capazes de fazer em quinze minutos de solidão e silêncio", Lúcia pensava, enquanto sua natureza contemplativa já a dirigia, sem que ela percebesse, para uma avenida ao pé do morro, onde ela finalmente veria a exposição das imagens brancas que havia alguns dias pensava em visitar.

Ali estava ela, então. Sob a luz, as cinco páginas do livro de areia que um homem que certamente conhecia algumas mulheres tinha sido capaz de escrever. Diante dela, as imagens do branco. O branco rugoso da página, o branco sujo da areia, o branco de nomes de mulher se escrevia nas cinco páginas daquele livro aberto. Ali, diante dela, as letras esvoaçantes de um nome escrito sobre a poeira. Letras. Letras sulcadas na areia. Castelos tombados, sulcos, pequenos veios, marés. "E o vento levou", Lúcia ainda seria capaz de lembrar, e rir-se um pouco, nos seus quinze minutos de aban-

dono. E o sonho inquietante, e sua frase subitamente retornaram: "Paulo, morreremos juntos." O seu homem estava ali, ao lado dela, e via seu nome na areia, e o vento, e a forma granulosa moldada pelas mãos de outro homem, *bold hand*, Lúcia se lembrava, a letra no bolso dele, em suas mãos, em seus olhos.

Um pensamento ardente ameaçava cortar o silêncio e o abandono. "Estarei nua?", a mulher pensava. Era sempre assim a nudez. Primeiro uma entrega, a lassidão, o sono. Depois uma voz severa a descer sobre o corpo. "Não descobrirás a nudez do teu pai e da tua mãe: ela é tua mãe; não descobrirás a sua nudez." "A nudez da filha do teu filho, ou da filha da tua filha, a sua nudez não descobrirás: porque é tua nudez." "Com que direito este homem, este que mal conheço, foi capaz de me despir, exhibir minha nudez nas letras de um nome que o vento levará?" Até que um outro pensamento, mais imperioso, ali se impunha. Um pensamento órfão, pedinte, inadequado como sua vergonha: "Os homens me comovem."

Na saída da galeria, o sol brilhava como se aquela fosse uma manhã qualquer. E não era. O seu homem, aquele com que ela não havia atravessado a noite, retornaria com seus ombros eretos, as mãos granulosas, sulcadas pelo peso de uma caixa de madeira em que ele havia deitado, um dia, o pai. "É um homem forte", Lúcia ainda pensaria antes de abrir a porta do carro e dirigir-se à escola dos meninos. "E eu?" "Que farei agora com esse novo dado — o homem forte — que atraves-

sou a minha comoção?”, a mulher se indagava, com medo de que sua passividade não tivesse lugar ali, em meio à paisagem do homem forte e estranhamente comovedor.

Até que a frase do sonho, não aquele, mas um outro, em que ela procurava se situar entre duas mulheres — a lasciva de pernas à mostra e a mãe obstinada, que paria coelhinhos de pelúcia —, viesse apaziguar, como um sobrenome, a sua comoção: “Eu sou aquela que contempla.”

*O Fim das Coisas é Melhor
que o Princípio Delas*

Menina

No instante em que Menina nasceu, o sol entrava na casa de Áries, e o entardecer, talvez por isso, compunha um momento absolutamente singular. Naquele dia, ela já se chamava Menina e já possuía então uma existência concreta e absoluta que só as mulheres grávidas são capazes de perceber. As mulheres grávidas e as aves não canoras, talvez.

Sim, porque naquele dia eu era alguma coisa próxima da galinha, ou da pata, com aquele meu enorme corpo atravessando a manhã e buscando em minha gorda fragilidade o braço do homem que me amparasse. E ele estava ali: firme, inteiro e vertical como um pai.

Talvez em minha vida algumas vezes eu tenha amado os homens em uma dimensão análoga, mas certamente nunca (e temo que nunca mais) o amor por um homem tenha se desenhado em mim de forma assim tão completa e inquestionável. Aquele homem que me oferecia então a sua

mão, que era capaz de me amar naquela minha monstruosidade de mãe, que sabia acenar para um táxi que me levasse ao hospital, que sabia fumar delicadamente soprando a fumaça na direção contrária ao meu olhar, aquele homem que naquele momento pouco falava ou pouco pedia de mim, aquele homem, eu sabia, eu saberia depois: ele me amava.

Assim, de mãos dadas, sem dizer qualquer coisa que perturbasse aquele momento mágico que então pressentíamos, atravessamos a cidade. O táxi seguiu pela avenida, tomou o viaduto de Santa Teresa, enquanto os meus olhos olhavam aquela cidade agora já velha para mim e diziam: "Quando voltar por esse mesmo caminho, eu já não serei a mesma, o caminho da casa já não será o mesmo, a casa já não será a mesma." Mas eu ainda não sabia bem o que isso significava.

Menina nasceu às cinco e trinta e cinco da tarde sem chorar. A mãe era quem chorava, aos soluços, porque naquele momento o mundo ficara subitamente enorme, a sala de parto se afunilando e desembocando em sinuosos corredores, a voz longínqua do médico dizendo que tudo estava bem.

"Então ele me levou ao caminho do sul, e eis que havia ali uma porta que olhava para o caminho do sul, e mediu os seus pilares e os seus vestíbulos, conforme estas medidas. E havia também janelas em redor dos seus vestíbulos, como as outras janelas: cinqüenta côvados o comprimento, e a largura vinte e cinco côvados. E de sete degraus eram as suas subidas, e os seus vestíbulos estavam diante deles; e tinha

palmeiras, uma de uma banda e outra da outra, nos seus pilares.”

Menina nasceu às cinco e trinta e cinco da tarde sem chorar. Mas eu chorava e soluçava e nada, nem mesmo a imagem serena daquela Menina bela dormecida nos meus braços, nem mesmo o caminho do sul, suas portas, seus pilares, seus vestibulos eram capazes de me fazer calar.

Lembro-me que ao meu lado direito encontrava-se o pai, com aquela roupa assepticamente verde e seus enormes verdes olhos de susto e amor. Lembro-me de suas exclamações de entusiasmo e de júbilo pela beleza de Menina, lembro-me do sorriso esplendoroso nos olhos de meu grande amigo então médico da hora das dores. E lembro-me dos meus soluços. “Nunca mais nesta vida abandonarei este homem que é pai desta filha e que é meu homem e que é aquele a quem escolhi para me dar esta alegria e esta sorte.” A vida me mostraria, mais tarde, que as mães em beatitude também mentem.

Minha Menina, minha Menina, minha Menina. Por que me fazes chorar assim, todas as tardes, às cinco e trinta e cinco da tarde, quando o sol se põe e a noite chega sem pressa e esta cidade de belos horizontes é assim tão melancólica, tão minas, tão aves-marias? Por que, se és tão pequenina ainda e se ainda nada te dói como me dói agora e como doerá um dia em que fores grande e mulher?

Eu sempre soube que Menina viria um dia. O que eu talvez não soubesse é que ela seria este espanto, este espinho,

esta dor. Ou talvez soubesse, quando eu costumava dizer, quase mesmo sem entender, que aquela talvez fosse a minha chance de não endurecer para sempre o coração.

Hoje já não sou mais a mesma. Nem mesmo a casa existe, nem mesmo o caminho de volta, nem mesmo a volta. Já não vivemos juntos, eu e o pai e Menina. E Menina sofre por isso, como um dia eu sofri, mas certamente não da mesma maneira que o pai sofreu quando eu lhe disse: "Estou indo embora."

"Estamos sempre voltando para casa", leio em um epifânico livro de um escritor cujo nome ele próprio me fez esquecer. Sim, mesmo que já não haja a casa, o caminho, a volta. Mesmo que não haja nada disso, estamos sempre voltando, da mesma forma que estamos sempre indo embora, eu diria.

"Você volta, mãe?", ela costumava perguntar, na angústia de seus dois anos, quando eu a deixava na escola. Sim, minha Menina. Eu volto. Mesmo porque as mães sempre voltam, até quando nos convencemos de que já não as queremos mais, as mães sempre retornam. Mesmo quando este é o mais longínquo dos mundos e quando de olhos e ouvidos tampados insistimos em não ver e não ouvir a sua melodiosa e agônica voz, as mães continuam aí, como esse absurdo lugar onde de fato nunca estivemos e de onde nunca saímos jamais.

Um pai

Antes que meu pai pudesse não pronunciar suas últimas palavras jamais ditas, aquelas que ele nunca diria porque nunca disse, antes que ele pudesse me olhar com seus pequenos olhos apertados de dor e de um certo acalanto que sua fragilidade de homem-mãe lhe conferia, antes que sua imagem se transformasse em pura neblina, para sempre na neblina que me ofuscaria a mim os olhos de para sempre menina aos olhos do pai, eu ainda pude pensar, eu ainda pude proferir minhas íntimas palavras de oração e pranto: lá se vai meu mínimo homem, lá se vai aquele que um dia me apertava a mão com força e que, ainda assim, sempre me dava a nítida impressão de que a qualquer momento poderia cair. Lá se vai meu pai, minha adoração masculina, meu ínfimo homem desce ladeira abaixo como um menino de topetes cuidadosamente escovados pela mãe e água-de-colônia atrás da orelha. Lá se vai o homem, aquele que um dia uma força descomunal me

fizera fazer crescer e que agora se reduzia assim, sem um gesto, a pó, a poeira, a voragem.

Meu pai sempre foi um homem de poucas palavras. Com duas palavras ele parecia resumir todo o universo. "Minha filha", me dizia, quando parecia querer dizer que não me compreendia, ou que discordava suavemente de minhas atitudes. "Minha filha", me dizia, quando temia que eu o abandonasse e seguisse outro rumo, o meu rumo, como minha mãe um dia para sempre se fora de nós. "Minha filha", me dizia simplesmente, quando parecia nada querer dizer, mas insistia em alguns vocábulos por pura e fática necessidade de manter entre nós a chama acesa.

Eu, que raramente lhe dizia meu pai, nunca perdi o hábito de olhá-lo atentamente, a cada minha filha, aguardando o que viria após seus sempre mesmos cacos de linguagem. Mas meu pai nunca falava. Limitava-se a apertar minha mão mesmo quando éramos, já os dois, adultos, ele ainda menino apertava minha mão e fazia-me forçosamente atravessar a rua. Lembro-me que, quando menina, eu costumava detestar tais situações — envergonhava-me de um pai que teimava em me fazer atravessar as ruas como se soubesse, definitivamente, para onde ia.

Mas meu pai nunca soube. Seu não-senso de direção — aquele que ele legaria a mim, talvez como uma de suas únicas heranças — sempre o levava a lugares inesperados, a retornos insistentes a um mesmo ponto que ele, absurdamente,

costumava tomar como outro. Lembro-me que eram comuns, na minha infância, os passeios intermináveis em torno de uma mesma paisagem. Eu costumava apostar comigo mesma: agora a farmácia, agora o jardim, agora a varanda de muros descascados e samambaias queimadas de sol, agora o barbeiro da esquina. Meu pai demorava muito a se dar conta de que permanecíamos num mesmo ponto e arranjava sua costumeira expressão de ausente e cumpridor de suas obrigações de pai, enquanto no banco de trás, completamente tomada pela angústia e pelo tédio, eu me punha a rabiscar com os dedos objetos estranhos no vidro da janela.

Fui crescendo assim entre voraz e inquieta, ao lado desse homem absurdo que ternamente aprendemos a chamar de doido. Sempre aguardei impaciente por uma de suas palavras. Jamais desviei meus olhos do seu olhar vazio, quando, ao retornar incansavelmente a um de seus pontos de apoio de linguagem, ele reiniciava nosso diálogo de surdos: "Minha filha...". Mas meu pai nunca falou. Nada. Nunca. De ninguém.

Talvez por isso sua imagem de homem duro e quase tosco jamais tenha desaparecido de meus olhos. Mas esse homem rude nunca passou de um mínimo homem, de ínfima estatura, como um gnomo meio humano que minha fantasia incorporou como pai.

Quando esse quase homem morreu sem dizer uma palavra, ainda pude me lembrar da menina que um dia pedira ao pai que lhe desenhasse uma boneca e que recebera, para sua

surpresa e contrariedade, um rabisco econômico de uma figura feita de mínimos traços, um corpo sem carnes, pernas sem pés. "A boneca de meu pai não tem alma", eu diria para mim mesma, entre engasgada e ressentida, naquela ocasião. "Meu pai não sabe desenhar uma mulher", repetiria mais tarde, quando minhas palavras adultas já fossem capazes de maior abstração.

Até que um dia o sol ficou negro como serapilheira de pêlo e a lua inteira ficou como sangue, e as estrelas do céu caíram para a terra, como quando a figueira, sacudida por forte vento, deixa cair os seus figos verdes. Meu pai, com seus olhos de ausente calculado, jamais percebeu isso, jamais percebeu nada. Acho que nunca. Nem mesmo quando um nó na garganta lhe apertou definitivamente o peito e ele morreu engasgado, sem ar, ensaiando reiteradamente alguns movimentos labiais que pareciam querer dizer "minha filha".

Antes da lua

— Sim, doutor, tudo é difícil _____

Quem disse isso foi aquela, a da sarabanda alucinada, a do hospício de Deus, a da ala das mulheres. E eu, que não podia ver uma louca que já me sentia em casa, eu pensei que a minha natureza era também como a de Maura, doutor, e assim me declarei: louca, louca, louca. É claro que o doutor quis saber disso — pode-se sempre extrair alguma verdade mesmo da loucura suposta. O doutor quis saber disso e soube.

Mas hoje, quando a lua nova se aproxima, doutor, é preciso que eu lhe diga, antes mesmo que não seja mais preciso dizê-lo: vou escapar desse hospício, doutor, vou escapar não pela porta dos fundos, como eu supunha, não pelas janelas, como eu fantasiava, não pelos canos de esgoto, como eu temia, mas por uma porta casual, sem adornos, sem ornamentos, justo aquela em que uma placa desbotada e suja ainda é capaz de indicar: "saída".

Vou sair pela saída, doutor, você pode imaginar?

E antes preciso, é claro, deixar tudo bem claro pra que nem eu nem o doutor venhamos a duvidar de que isso de fato tenha acontecido. Repetir, repetir, até virar outra coisa. Ele disse isso, doutor, num poema, e no poema as palavras luzem com uma luz especial. Aqui, nessa minha última declaração de amor ao doutor — minha carta de adeus —, a luz não é especial, a porta de saída é sem adornos e a mulher, a mulher do sonho, é uma mulher normal. Você é capaz de crer, doutor, que ela é normal?

O doutor deve lembrar que, quando eu cheguei aqui (há oito séculos, creio), aquele sonho terrível me arrebatava: o bebê fragmentado, partido e pousado, como num banquete de mendigos, sobre a cama-disco que não girava. O irmão dizia o mais triste: "Quanto mais ela crescer, mais ela vai piorar." Lembra, doutor? E não era o único, este sonho. Além desse, a sensação estranha de não saber se eu havia perdido algo, ou se algo me havia sido roubado.

Daí até o momento em que eu enfim chegaria ao ponto de perder o perdido, doutor, foi um longo caminho. Primeiro foi preciso que eu passasse pela menina suicida, de muletas, numas bodas de ouro que nem dela eram, primeiro foi preciso que eu a visse e procurasse, em seus olhos, para saber por quê. "É que a mãe morreu quando ela era ainda muito pequena", alguém me diria. E isso bastaria para que fosse eu também lançada pela janela. Por que não morri, eu também?

Que absurdo milagre foi esse que me manteve viva entre os crisântemos apesar dela, apesar da mãe morta, apesar de seu silêncio mortal, sua ausência, seu abandono?

Depois eu teria ainda que tropeçar na frase do instrutor de computação: "Há duas espécies de usuários: aqueles que já perderam e aqueles que ainda vão perder." Onde me situo, doutor, se a frase que pronuncio não é esta, mas bem outra: "Há aqueles que não perderam e aqueles que ainda vão perder"? Que terrível maldição seria essa que eu anunciava?

Para só então depois chegar ao amargo do caroço, doutor, e perceber que, para alguns, trata-se de perder o perdido. Quantas vezes? Repetir, repetir, até virar outra coisa.

Ah, doutor, tudo é difícil _____ Assim disse ela, a louca, a da sarabanda alucinada. Eu, não, eu não cheguei a formular assim tão prontamente essa frase do desconsolo. Mas estive aí, não é, doutor? No difícil, no amargo do caroço. Por isso ainda me assusto agora com o fato de poder sair pela porta da frente, aquela que indica a saída. Logo eu, que sempre entrei pela porta dos fundos. Por isso me assusto ainda com o fato de algumas histórias acabarem assim redondas, lapidares. A minha, a nossa, por exemplo. Você podia imaginar? Eu redonda e o prato girando, o corpo com todos os seus membros e eu redonda, escapando à voz oracular do irmão?

Antes da lua, doutor, quero lhe dizer que o amor, primeiro droga pesada, soa agora como um anagrama de ginásio: com a escrevo... Por isso lhe ofereço isso que me resta: cacos de

palavras, letras despencadas, traços. É preciso mais? Uma letra sempre chega, não é? A minha chegou. Chega de letras despencadas, doutor. Quero agora as letras formando um nome, um nome que soe nome, mesmo que intraduzível: amor.

Porque ainda ontem, doutor, eu vi. Ainda há uma semana, eu vi meu tio morto estendido com um sorriso entre as filhas e a mulher. E depois tive que ver tudo: meu pai chorando, pequenos escorpiões em torno da cova, meu tio sendo levado ao poço. Não sem que antes retirassem de lá um cofre metálico onde restaram os ossos de meu avô. Meu avô, o dândi perfumado e nobre do meu encantamento, reduzido a uma caixa de ossos, doutor. Meu pai, à minha frente, era um homenzinho franzino de camisa xadrez. Então, a vida é isto, meu Deus? Ainda ontem eu vi, mas hoje já não vejo mais.

O que vejo hoje, doutor, agora, reduz-se a um isto: nós dois, sentados num divã, lemos um livro. E rimos. Rimos do escrito, doutor? Creio que não. Creio que rimos do livro, do "já escrito" do livro. O livro já está escrito, doutor. Resta lê-lo, agora. Leremos juntos? Riremos juntos?

Um dia foi assim, não é, doutor? Um dia, alguns dias, rimos muito juntos e creio que até pude deixá-lo perplexo com a minha capacidade de rir, de fazer rir. Mas agora, doutor, eu talvez não o faça rir nem chorar. Agora vai ser morno. Assim: um morno adeus. É possível isso?

Para mim, o senhor bem sabe, os adeuses sempre foram frios, gelados. Ou quentes: lágrimas quentes descem sobre o

rosto do abandono. Mas o meu adeus para o senhor, doutor, há de ser morno. Um morno adeus, pela primeira vez. "Os mornos, eu os vomitarei pela boca." "Porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei de minha boca." Serei vomitada, doutor? Não importa, prefiro o vômito à impostura, o senhor sabe. Então serei vomitada por essa verdade de um morno adeus.

O senhor bem sabe o duro que dei para fazer um nome. Um nome que soasse assim: branco sobre o branco. Primeiro foi preciso que os castelos ruíssem. Depois foi preciso que a luz de Lúifer fosse apaziguada pela luz da lua nova que ainda vai chegar, mas que já pressinto, que já posso ver. A luz da lua é morna, doutor. Morna como o nosso adeus. Morna como o amor que amorno agora no cadinho de palavras dessa crua verdade: acabou-se o que era doce.

O nosso não foi sempre doce, não é, doutor? O nosso, já sabemos, foi no sumo amargo, no amargo do caroço. O nosso amor foi cru como a carne de um peixe japonês que jamais engolirei. Um peixe sem escamas, sem espinha e sem guelras. Um peixe sem ilusões cujo emblema poderia ser: "A travessia da impostura".

É claro que sempre haverá coisas por resolver. "Ainda falta alguma coisa", Lillian dizia para Júlia, ou Júlia dizia para Lillian, quando queriam dizer que ainda estavam enamoradas. "Ainda falta alguma coisa", claro. Lembre-se que ele disse que não é preciso ir tão longe com seu cliente, pois há alguns que são

capazes de levar tudo muito a sério. Lembre-se de que sou um deles, sou uma delas, uma das raparigas que resistem à impostura da língua. E aí, sim, tudo é difícil _____

Mas sou também, eles me dizem, A Dama do Amor Completo. A Senhora Escrita, aquela que sempre se dirigirá ao senhor com uma folha de papel à mão. O amor é por escrito? A loucura é por escrito? Disso o senhor não sabe, doutor, mas desconfia. Disso sabem mais aqueles que praticam a loucura de escrever o amor, ou a loucura de amar o escrito. Por isso sou A Dama do Amor Completo, eles dizem.

Então ficamos assim, doutor: nem namorado teórico, nem namorado poético, nem namorado banal, na crua vida real. Entre o louco uivando pra lua e o psiquiatra desmaiado, fico com o poeta, aquele que ninguém socorreu. Ficamos assim, os dois: mornos corpos estendidos sobre a relva, nenhum de nós tocará o outro, apenas um breve aceno de adeus, morno como a luz da lua, morno como a carne do peixe japonês, morno como a boa morte.

**Este livro foi composto na tipologia Raleigh BT,
em corpo 11/17 e impresso em papel
Chamois Fine 80g/m² no Sistema Cameron da
Divisão Gráfica da Distribuidora Record.**

**Seja um Leitor Preferencial Record
e receba informações sobre nossos lançamentos.**

Escreva para

RP Record

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20922-970

**dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.**

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa *home page*:

<http://www.record.com.br>

recusa. Segura contra o peito a braçada de coisas da existência. Para oferecer: como dom. Presentear os leitores com o frescor das sombras e com as solares brechas das árvores. Há sal nas lágrimas, fundas. E humor. Pois serve-se da carne para executar sua arte e, portanto, vale-se de toda a úmida língua. A mulher que escreve agora a nossa frente este livro olha-nos. Que olhos, Deus meu. Miram-nos entregues. De conhecer sua alma, grafada em tal fígante escritura, não deixeis.

Roberto Corrêa dos Santos



Lucia Castello Branco nasceu no Rio de Janeiro e vive em Belo Horizonte há muitos anos, onde ensina Literatura na Faculdade de Letras da UFMG. É autora de diversos livros de literatura e psicanálise e de livros para crianças. *Nunca mais* é seu segundo livro de ficção para adultos. O primeiro, *A falta*, também foi editado pela Record.

“Assim será, Omar. A tarde cairá sobre a cidade e, de algum lugar longínquo, virá o anjo com suas asas de fogo. Uma mulher fria e úmida não deve temer o fogo, mas vou temê-lo, eu sei. 'Tu, que amaste minha alma, mostra-me aonde levas?', indagarei, sem perceber. E as asas se bifurcarão como duas estradas: uma há de levar a terras desconhecidas, outra me trará de volta à língua de meus pais. Nenhuma escolherei, mas tão-somente aquela que o anjo e suas asas não me indicarão, aquela que se abre em direção ao perder-se de vista, aonde tudo o que resta é devastação, poeira, deserto.”

ISBN 85-01-05969-2



9 788501 059697